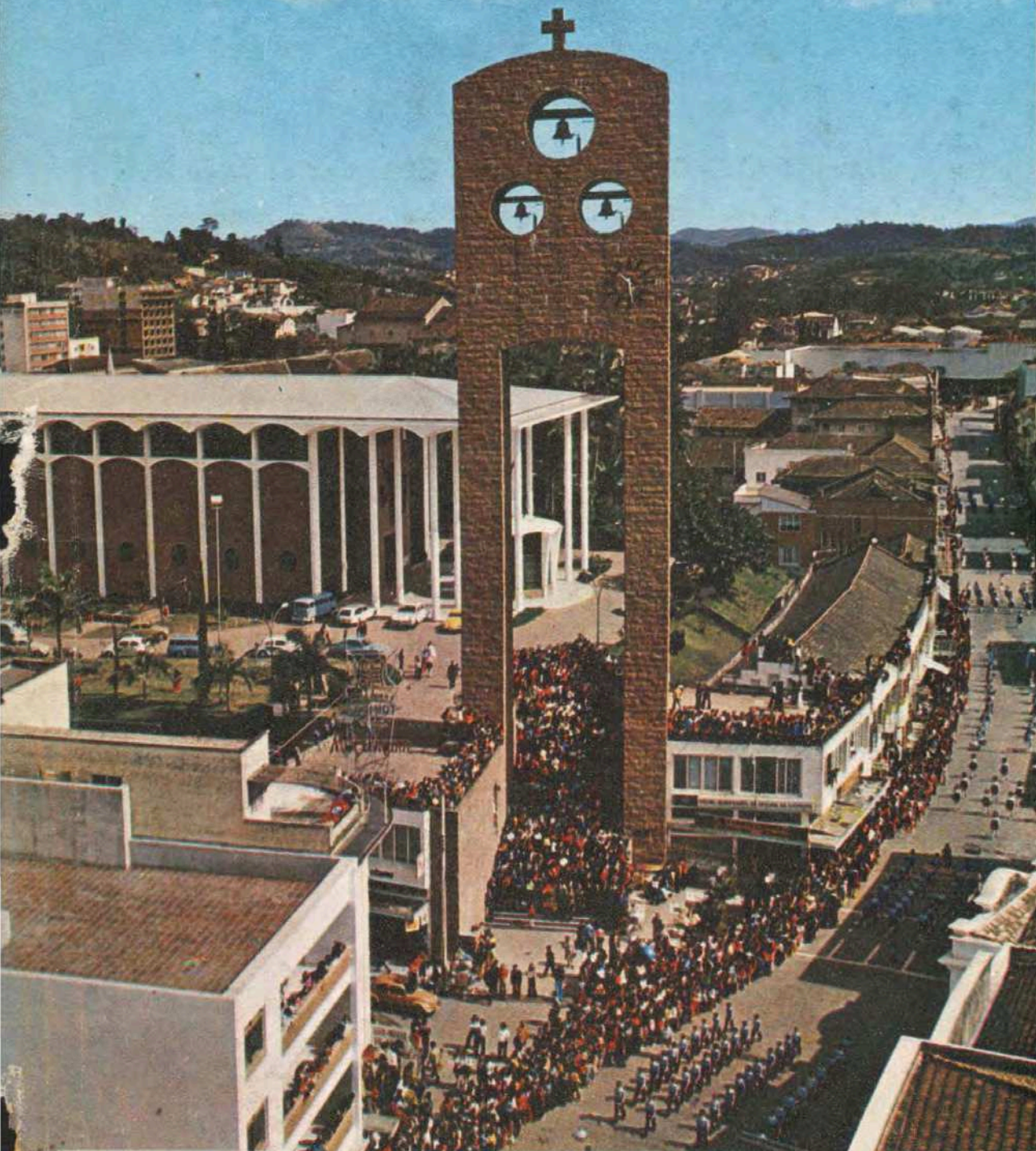


Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Junho de 1976

No. 6

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann S/A. - Comercial - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau

Blumenau

em Cadernos

TOMO XVII

JUNHO DE 1976

Nº. 6

Subsídios à Crônica da Colônia de Blumenau em suas primeiras décadas

Colaboração de FREDERICO KILIAN

Na Caderneta de apontamentos do Engenheiro Dr. EMILIO ODEBRECHT, encontramos, entre outras notas, os apontamentos feitos durante uma expedição às cabeceiras dos braços que formam o Rio ITAJAI-AÇUÍ, no período de 14 de janeiro a 21 de fevereiro de 1863.

O engenheiro Emilio Odebrecht, em seus relatos e apontamentos diários, se refere a uma "turma alemã" e outra "turma brasileira".

A TURMA ALEMÃ era formada, além do Engenheiro Odebrecht, de mais 3 alemães, entre os quais cita o de nome Bichels e ainda Breithaupt (agrimensor).

A TURMA BRASILEIRA era integrada de "1 cadete" e dois soldados, sendo um deles um negro, voltaram estes, depois da excursão errada, que fora feita à região do Rio Hercílio,

Além destas duas turmas, acompanharam a excursão, no início, trabalhadores do Sr. Gaertner, os quais, porém, só foram até Encano, voltando dali para a sede.

A caderneta de apontamentos do Engenheiro Odebrecht, fazia parte, por doação de membros de sua família, ao antigo arquivo histórico da Prefeitura Municipal, o qual foi devorado pelo incêndio naquela noite fatídica de 6 de novembro de 1958.

Por uma feliz providência, porém, um ano antes, o signatário deste trabalho de colaboração pôde copiar as anotações referentes àquela exposição do ano de 1863, que ora apresenta em tradução do alemão, como subsídio à crônica da Colônia de Blumenau.

Quarta-feira, 14 de janeiro:

Partida do Garcia. Como a bondade do Sr. Gärtner nos proporcionou a possibilidade de levar as canoas através as Toupavas (sic), que se apresentavam abaixo do Grande Salto como primeiros obstáculos, chegamos sem quaisquer acidentes, pelas 2 horas da tarde até a desembocadura do Rio do Testo. Fazendo uma revisão dos objetos, constatei, por sorte, que faltava uma sacola com cerca de 10 quilos de chumbo de caça, que provavelmente foi esquecido, por descuido, no Salto, pelo que mandei alguém de volta, para averiguar e trazer aquele material imprescindível à nossa missão.

À tarde encontrei, no Salto, as seguintes alturas da borda superior da esfera solar:

2h 35' 51,5"	56° 17' 55")	
2h 39' 38,55"	55° 54' 5"	(Bord. Sup.
2h 39' — 18"	55° 31' 55")	

No dia anterior constatei na Garcia as seguintes alturas da borda inferior:

8h 2' 28"	33° 40' 10")	
8h 3' 32"	33° 52' 55"	(
8h 5' 21,5"	34° 18' 20")	Bord. Inf.
8h 6' 35"	34° 34' 45"	(
8h 7' 50,5"	34° 5' 25")	
8h 9' 27"	35° 12' 35"	(

Quinta-feira, 15 de janeiro:

Depois de termos, ao raiar da alvorada, tomado uma *bem modesta* merenda em casa do senhor Meuche, levamos nossa bagagem na canoa grande de cedro e deixamos na canoa de araribá, na qual os brasileiros tinham suas bagagens, apenas mais 2 balaios com farinha, mas mesmo assim tínhamos que esperar, já no Encano, bastante tempo por aqueles nobres filhos do sertão, que, afinal chegaram, depois de terem na pequena Toupava, emborcado a canoa e molhado toda a farinha, obrigando-nos a despejá-la e secar. Aqui fiz as seguintes observações:

9h 6' 36"	48° 5' 10")	
9h 8' 54,5"	48° 36' 50"	(Bord. Inferior
9h 10' 23,3"	48° 56' 40")	

Distância das bordas interiores:

9h 17' 29"	57° 18' 5"	18°
9h 20' 14"	57° 17' 20"	
9h 22' 30"	57° 16' 30"	
9h 24' 12"	57° 16' 0"	15! 50"
9h 26' 15"	57° 15' 30"	

foi observado = -10"
foi estimado 0 = 2* (+ = 30°)

Após a chegada do homem que havia ido buscar o chumbo na Garcia, prosseguimos em nossa viagem e chegamos sem incidentes ao Rio Benedito. Um forte mas breve aguaceiro de trovoada deixamos passar, abrigando-nos debaixo de um emaranhado cipoal à margem do rio, sem que tivéssemos nos molhado um só pouquinho.

Sexta-feira, 16 de janeiro:

Quando hoje nos despedimos dos homens do senhor Gärtner, queria me parecer, que a imaginação de termos ultrapassado os últimos limites da civilização, tenha abalado um pouco o espírito do pessoal, pois nas primeiras horas quase nada falavam; somente quando começaram a aparecer nas margens do rio vários bandos de Jacu-açu é que lhes voltou a costumeira loquacidade. Logo depois das primeiras voltas do rio, além do Benedito, onde se apresentava um verdadeiro arquipélago de pequenas ilhas, em parte cobertas com mato baixo e em parte com uma vegetação conhecida vulgarmente por Carrardi (sic!) (Nota: deve ser carrascal), notei a dificuldade que se apresentavam para uma medição trigonométrica, pois nem me era possível determinar o curso geral do rio, que aqui se dividia em uma imensidade de bracinhos de poucas braças de largura, correndo entre aquelas inúmeras ilhas, e muito menos sua extensão que nem podia ver. Durante quase duas horas seguidas tínhamos que puxar as canoas, andando sempre na água, por entre as toupavas rasas, antes de chegarmos ao Rio Morto. Achei os barrancos de ambos os lados do rio um tanto baixos, no trecho das corredeiras; talvez ficam protegidas as margens das enchentes devido o forte declive do leito. As últimas chuvas de trovoadas elevaram ali o nível das águas apenas por 2,5 palmos. As margens no Rio Morto são mais altas, o mato bonito e com clareiras e o terreno melhor do que o que tenho conhecido antes. O terreno é em geral *muito próprio*, para colonização, com exceção de alguns trechos onde os morros se aproximam rente à margem do rio. O tempo nublado impediu-me de fazer observações astronômicas. Pelas duas horas uma forte pancada d'água nos obrigou a parar por hoje e construir apressadamente ranchos. Matamos hoje 12 jacu-açus e uma jacutinga e pescamos traíras. Os brasileiros também hoje não nos puderam acompanhar com a sua canoa de araribá e chegaram com esta 1/2 hora mais tarde ao local do acampamento, quando já tínhamos construído um dos ranchos. Fomos molestados por uma qualidade de mosquitos grandes que antes nunca havia conhecido. O mato é inalterado, há grandes quantidades de palmáceas telheiras, porém ainda há palmitos em boas quantidades, porém muito mais leves do que os tenho conhecido antigamente, parece-me não existirem ou só raramente palmitos de troncos grossos.

Sábado, 17 de janeiro:

Tempo chuvoso ao amanhecer. Pelas 10 horas conseguimos provavelmente passar o Rio Morto, pelo menos o rio, mais para cima não podia ter mais a pretensão de assim ser chamado, pois constantemente toupavas e saltinhos se revezavam. Estávamos quase sempre dentro d'água e sentíamos frio quando ficamos expostos, em trechos mais mansos aos fortes ventos sul. O mato continuava inalterado e nas margens encontrávamos muitas vezes silvadas. Com exceção de alguns lugares tínhamos

que passar hoje a maior parte por assim denominadas "toupavas secas" isto é toupavas com entulhos de pedregulhos pequenos. O terreno, exceto nos lugares onde os morros chegam rentes às margens do rio, é em geral bom e aproveitável em todas as partes. O morro, do qual eu anexeii abaixo um desenho, está situado nos fundos da margem direita, compõe-se de rochas que aparecem por todos os lados e é muito difícil de ser escalado de qualquer lado. (Nota: Parece tratar-se aqui do morro dos bugres). Matamos 6 jacu-açus e 2 jacutingas, e em apenas 15 minutos pagamos 15 traíras. Não puderam ser feitas observações astronômicas. Em alguns lugares pode-se atravessar o rio a pé, por que há toupavas baixas com cascalhos de um lado ao outro.

Domingo, 18 de janeiro:

(Com tinta vermelha e outra caligrafia acha-se anotado — "Aquidaban".)

O rio mudou muito sua característica em todos os sentidos, os trechos calmos que ontem achamos entre as corredeiras, faltam hoje completamente, de formas que avançamos muito lentamente. Pelo meio dia altas montanhas compostas de elevadas rochas perpendiculares chegavam à borda do leito do rio que aqui era formado por saltinhos, e, num leito de apenas 20 braças de largura procura passar entre altas rochas que se acham em ambos os lados do rio. Fomos obrigados muitas vezes a descarregar as canoas para poder puxá-las mais facilmente sobre as pedras e rochedos. Pelas duas horas paramos, bastante esgotados e aproveitamos o resto do dia para secar os mantimentos, especialmente a carne seca, etc. Sobre grandes lajes do rio encontramos, perto do local de nossos ranchos, os primeiros indícios da serra, a saber, um galho de árvore, recém-cortado e queimado de todos os lados, o qual provavelmente achou seu caminho até aqui vindo da Colônia Militar. Hoje observei mais vezes do que d'antes, coqueiros, especialmente nos morros. — Na margem direita do rio, defronte ao nosso rancho, encontra-se um morro alto e íngreme, que somente em sua parte inferior apresenta vegetação de mato, enquanto na parte superior só existe samambaia e alguns arbustos baixos. O implanteamento de um caminho é muito difícil aqui em ambos os lados, talvez estes morros possam ser contornados, *pele menos isto certamente será possível na margem direita*, onde o morro d'antes mencionado forma uma península, atrás da qual um desfiladeiro, não muito alto, vai do rio em declive moderado. (Nota: trata-se aqui do "Morro Pelado"). Hoje matamos um jacu-açu. Vimos hoje a primeira capivara que pulou, pouco em frente da canoa, no rio, mas escapou com vida, porque não nos demos o tempo de fazer-lhe caça. Do lado de frente de nossos ranchos encontra-se o local onde os soldados, sob comando do Capitão Pinto, desceram, com risco de vida, agarrados em cordas, o penhasco abaixo. Pelas 3 horas, aproveitei o pouco tempo em que o sol apareceu atrás das núvens, para medir as seguintes alturas da borda superior da esfera solar:

3h 7' 30,5"	49° 53' 15")	
3h 15' 37"	47° 50' 50"	(Bord. Superior
3h 18' 45"	47° 8' 40")	

Quando, à noitinha, colocamos numa laje lenha seca, achamos um pedaço que, segundo todas as aparências, era de uma canoa grande, de cedro. (Nota do Trad.: Também podia ser de um cocho feito pelos bugres).

Segunda-feira, 19 de janeiro:

Os imensos despenhadeiros de cerca 400 palmos de altura, que ontem vimos e, por assim dizer, comprimiam o rio, revelaram-se hoje como isolados maciços de rocha, entre os quais, por um capricho do acaso o rio tomou o seu caminho. O morro do lado direito da margem *pode ser facilmente contornado*. De mais a mais o rio hoje toma um aspecto mais agradável, pois apesar de existirem ainda toupavas e saltinhos que se revezam, os morros que o estreitam não nascem mais diretamente de suas margens como muros, mas sobem suavemente e também não ficam mais tão próximos da margem. O declive do rio é bem acentuado, porém é lamentável que sua sinuosidade, ora do norte, ora do sul, nos levam com nossas canoas muito pouco para o oeste. Pelas 11 horas passamos por um salto de cerca 12 a 15 palmos de altura. Pouco depois do meio dia a canoa dos brasileiros virou, e não obstante de termos vindo logo a seu socorro, tanto quanto as circunstâncias o permitiam, podemos salvar só poucas coisas. Os mantimentos, afora uma lata com sal, se achavam por sorte em nossa canoa. Mas o prejuízo, não obstante, foi muito grande para nós, visto que, além da maior parte das bagagens dos brasileiros, 3 fuzis, 4 facões do mato, a lata com sal, uma frigideira, 1 panela, todos os pratos de folha de lata (os... do senhor Breithaupt), 1 machado, um pequeno saco com farinha e outras miudezas, se perderam na água, além de todos os bornais com apetrechos de caça e outros conteúdos. A perda dos fuzis não foi tão *desagradável* assim, pois até agora serviram apenas como aparelhos d'exterminio de pólvora.

Mais tarde transpassamos um salto de 200 braças de comprimento, pelo qual as águas abriram caminho por entre imensos blocos de rochas que estreitavam o leito do rio, em quedas de cerca 30 palmos. As canoas tiveram que ser descarregadas e puxadas por cima das pedras. Atrás do salto encontramos águas mansas. Não matamos nada. Quando estávamos procurando um ponto adequado para armar nossos ranchos, fomos surpreendidos por uma forte chuva de trovoadas. O terreno que passamos hoje demonstrou-se, em cerca de sua metade, como terras imprestáveis, pois que frequentemente os morros rochosos e íngremes ficam rentes às margens do rio; assim será necessário mais tarde a medir lotes grandes nesta zona. À noite trovoadas com fortes chuvas que duraram toda a noite. O rio subiu durante a noite por cerca de 1/2 palmo.

Terça-feira, 20 de janeiro:

O acidente de ontem, tem como muitos outros inconvenientes, que se manifestarão durante toda a expedição, o de necessitarmos agora muito mais tempo para nossas refeições, já que possuímos apenas uma tijela, 1 colher e 2 pratos para oito pessoas. Infelizmente também perdemos todo o feijão. Não obstante os morros hoje não mostrarem aquele caráter montanhoso, como nos últimos dias, as toupavas se tornam cada vez mais intragáveis. Pelas dez horas fomos obrigados a voltar, pois estávamos na margem direita de uma toupava, onde era impossível passar com as canoas, e ainda, segundo consta, o Salto Pilão não estava mais muito longe, debaixo do qual a expedição do capitão Pinto teve que deixar

as canoas; resolvi então construir um rancho e aproveitar o resto do dia para os preparativos do dia seguinte quando iríamos prosseguir a viagem a pé. As canoas foram puxadas para dentro do mato e emborcadas e guardados os objetos supérfluos debaixo das mesmas. Em virtude do acidente de ontem, não podíamos pensar em deixar alguém como guarda das mesmas. Pescamos uma imensidade de traíras, mas não caçamos nada. Dos bugres não notamos sinal algum.

Quarta-feira, 21 de janeiro:

Após termos acondicionado os mantimentos desnecessários debaixo da canoa de cedro, emborcada dentro do mato, partimos, munidos para 30 dias com o mais essencial, mas avançamos hoje muito lentamente, porque o mato estava, em sua maior parte, cheio de taquaras e amanhado com arbustos e árvores baixas. Os morros, de ambos os lados do rio, raras vezes chegavam perto deste, não eram muito altos e íngremes e tinham até ao pé bastante terreno plano. O rio formava quase que uma toupava contínua. Há bastante coqueiros, mas os palmitos começam a escassear e ser de pequena altura. Uma qualidade de palmeira que também existe isoladamente na Garcia, (as folhas com estrias mais finas do que o palmito, nem parecida como a palmeira telheira) há aqui em abundância. O rio hoje tinha uma direção mais ao Oeste, como nos dias anteriores, as vezes até com forte tendência para o Norte. Caçamos uma jacutinga, 1 macuco e pescamos traíras à vontade. O cachorro esta noite estava muito irrequieto, talvez uma onça tenha rondado a praia sobre a qual havíamos armado o rancho.

Quinta-feira, 22 de janeiro:

O mato continuou hoje inalterado, somente os palmitos começaram a diminuir em número. O terreno, com raras exceções, onde os morros chegaram bem perto do rio, é aproveitável: os morros não são muito altos e existem bastante terras planas diante deles. O rio, formando constantemente toupavas, abre caminho entre verdadeiras ilhas. Ribeirões maiores passamos hoje 2, dos quais o primeiro tinha a largura como o ribeirão da Velha e o segundo parecia em tamanho ao Garcia, os demais são de somenas importâncias e têm as margens bem baixas, como os anteriores que passamos ontem. Na barra do ribeirão maior, achamos vestígios da presença de bugres que aqui caçaram jacutingas. Hoje de manhã notei no braço de uma ilha uma capivara, infelizmente minha espingarda negou fogo, mais tarde caçamos um pato. Caçamos 2 jacutingas e 2 papagaios. O rio mantém seu curso de ontem — OSO-O. Quando procurávamos um local apropriado para armar nosso rancho, fomos surpreendidos por uma forte chuva de trovoada. O céu estava encoberto, hoje, de forma que não me foi possível, ao meio dia, tomar a altura meridiana do sol, para a fixação da latitude geográfica. À noite apareceram macacos até ao nosso rancho, dos quais matamos dois. Um macaquinho que havia caído com um adulto da árvore, foi recolhido de manhã e levado junto, com o bando.

Sexta-feira, 23 de janeiro:

Depois de termos marchado mais ou menos até às 9 horas, alcançamos uma queda d'água razoavelmente forte e quase perpendicular que se estende aqui uniformemente por toda a largura do rio. Cerca de 100 braças antes do salto, acha-se um saltinho e depois toupavas até a queda d'água, que tem uma altura de cerca 18 palmos, pelo menos na margem esquerda. A queda na outra margem pode ser mais alta, pois uma ilha corta o saltinho, todo o salto poderá ter 25 palmos. A volta na qual se acha a queda, corre em direção N-S; cerca de 30° de declinação de S-O, há, numa distância de mais ou menos 1 légua, um morro com um platô arborizado, de forma de esqui (Observ.: Serra do Mirador). Logo acima do salto encontramos águas mansas mais tarde aparecem toupavas revezadas com águas mansas. A direção principal do rio hoje foi N-NO, com sensíveis declinações do curso para ambos os lados, assim, por exemplo a curva em nossa frente tem um declínio de 30° de N.E. — Os dois brasileiros que outrora já fizeram este caminho, mostram-se muito mal orientados, p.ex.nenhum dos dois podia dizer si o salto que ultrapassamos hoje é o famoso *Salto Pilão*, ao pé do qual a anterior expedição deixou as canoas, ou não. Pelo relato de um soldado que antigamente conviveu aqui com os bugres, deve existir antes do salto um braço grande, com uma barra larga (à la Rio Benedito): (Anotação: Trata-se da confluência do Rio Hercílio, o vulgarmente denominado Rio do Norte, com o Rio Itajaí) — Será que já passamos por este braço? ou será que ele é tão largo que julgamos ser o braço principal e o seguimos para o Norte, para o Itapocu? (Observação: Na realidade, logo depois do Dr. Odebrecht ter abandonado o leito do rio com o seu pessoal, para prosseguir viagem por terra, pela margem esquerda do rio Itajaí, perdeu a confluência do Rio do Sul com o Braço do Norte (Rio Hercílio), por não poder seguir caminho sempre bem à margem do rio, e seguiram então, sempre pela margem esquerda Rio Hercílio acima) — Nenhum deles tinha uma idéia exata do tamanho deste braço e os dois soldados acreditavam que o ribeirão maior que transpuzemos ontem podia ser esta passagem dos bugres para o Itapocu, mas neste caso o mesmo não se pode comparar com o Rio Benedito, mas tão somente igualar com o Garcia ou Rio do Testo. Pelas 11 horas tive que parar, pois o rio estreitou-se consideravelmente de formas que a suspeita de termos seguido o braço errado, não podia ser recusada, uma vez que o rio começou a adotar um curso para o Leste. Eu voltei com dois homens rio abaixo, observando com máxima atenção a margem oposta; alcançamos, sem termos descoberto qualquer bifurcação do rio, o salto e quero supor que o estreitamento do rio e seu curso ao Leste, seja só obra do acaso. — Pelo meio dia, ainda antes de ter alcançado novamente nosso acampamento, desabou forte trovoadas com demorada chuva, que nos obrigou a construir um rancho. Nossos mantimentos abrigamos debaixo de folhas de caetê que aqui havia em abundância. O terreno aqui pode-se igualar com os melhores da colonização, a fertilidade do solo evidencia-se por uma vegetação exuberante, é o que se concerne aos morros, estes não são muito altos nem tão íngremes e na maior parte ficam mais para os fundos. Justamente este terreno plano foi o que me fez supor já ter ultrapassado a barra do braço do sul do rio. De manhã em

diante partiremos já ao alvorecer do dia, porque as trovoadas que costumam aparecer logo depois do meio dia, encurtam muito as caminhadas diárias. Desejaria que alcançássemos o Braço do Norte situado acima do *Salto Pilão*. (Observação: Trata-se certamente do Rio d'Oeste). — Caçamos 2 papagaios e uma jacutinga.

Sábado, 24 de janeiro:

Não obstante termos partido hoje de manhã de madrugada, não conseguimos recuperar a perda de ontem, visto que o mato era muito ruim, principalmente onde os morros chegam perto do rio, entrelaçado com taquaraçu e espinhos. O terreno de ambos os lados é bom, mesmo os morros que às vezes aparecem, são de pouca altura com ladeiras suaves. Pelas 9 horas encontramos um ribeirão considerável e fundo, com cerca de 10 braças de água, que lamentavelmente nos causou uma retardação de 2 horas, pois tínhamos que derrubar árvores de ambos os lados do ribeirão para poder passá-lo. O terreno nesta região é de ótima qualidade. No começo tínhamos hoje toupavas e saltinhos a traspassar, perto do já mencionado ribeirão o rio tornou-se completamente manso continuando assim por várias voltas. Pelas 2 horas alcançamos uma forte queda d'água que se estendia a cerca de 100 braças com um declive de 20 braças rompendo entre as rochas. A volta, na qual se acha o salto, corre de S. a N., na margem esquerda existem morros baixos, à direita terreno plano. Há coqueiros em grande abundância e são aqui mais numerosos do que os palmitos na Garcia. Os frutos de uma qualidade de coqueiros pequenos, comemos hoje em grande quantidade, (Charuva — sic —) além disso uma qualidade grande de coqueiros também existe em abundância. Folhas telheiras de boa qualidade, são frequentes e palmitos ainda existem em grupos. Eu creio que ontem e hoje não percorremos mais do que duas léguas. O curso principal do rio foi acentuadamente para o Oeste, e muda com consideráveis declinações para N, como também S. — Pelo meio dia pude constatar e medir as seguintes alturas meridionais paralelas:

11h 46' 23"	79° 33' 35")	
11h 50' 16,5"	80° 5' 20"	(Bord. Inf. <u> O</u>
11h 55' 15"	80° 42' 50")	
11h 58' 20"	81° 4' 30"	(
12h 1' 31"	81° 20' 27,5")	
12h 8' 11,5"	81° 49' 2,5"	(
12h 11' 28"	81° 53' 7,5")	— B. S. <u> O</u>
12h 25' 31"	82° 4' 40"	(

As altitudes meridionais, cuja medição hoje me era muito importante, não consegui obter, pois algumas folhas se entrepuzeram entre o sol e o mercúrio e me tiraram a visão direta do sol. Depois de ter removido às pressas o impecilho, o sol já havia ultrapassado o meridiano. Infelizmente, à tarde não pude proceder a fixação da hora certa, pois o sol já se ocultou atrás das nuvens que cobriram o céu pelas duas horas. Estranhavelmente não tínhamos trovoadas hoje, e pudemos, após muitos dias, nos recolher enxutos no rancho. Caçamos 2 jacutingas e pegamos traíras à vontade. O Cadete se queixou hoje à noite de mal-estar. Ele

parece muito abatido. O nosso rancho de hoje, acha-se logo acima do mencionado salto. Os morros abaixo do salto que se encontram na margem esquerda do rio, não impedem a construção de um caminho, apesar de parecerem erguer-se íngremes das águas e serem de formação rochosas, mas numa altura de 30-40 braças acima do nível do rio são acessíveis em toda parte. Perto da água, nas alturas das pedras, observei hoje uma bonita amarillis de cor rubro rutilante, além de outras flores que pude observar debaixo. As rochas continuam sendo da formação de "lyditos" (Saltolyten (sic)). Ao anoitecer fomos surpreendidos por uma espécie de tromba d'água que durou toda a noite. Infelizmente algumas torrentes d'água abriram caminho pelo nosso rancho de forma que nós e nossas mantas, dentro de pouco tempo ficamos completamente molhados.

Domingo, 25 de janeiro:

O tempo hoje estava muito nublado, enquanto que caía uma chuva fina e nos mantinha no mesmo estado molhado como deixamos nosso rancho ao amanhecer. O rio estava muito agitado e logo no começo vimos muitas vezes a volumosa quantidade d'água que se arremessava entre as grandes rochas num estreito canal de mal 20 braças de largura. Hoje passamos por 3 saltos, dos quais, porém, nenhum era empinado ou tivesse uma forte queda limitado a um pequeno espaço. O primeiro se prolongava numa extensão de 150 braças e consistia propriamente de uma sequência de saltinhos, que, devido a volumosa quantidade d'água, tinha um aspecto feroz, pois as rochas de ambos os lados concentravam as águas bastante. Na margem esquerda existem morros chatos que aos seus pés são rochosos e íngremes, pelos quais, sobre veredas perigosas avançávamos muito lentamente. — O menor descuido ou um passo em falso teria como consequência, infalivelmente, a morte, pois aos nossos pés se achava o rio caudaloso com seus saltinhos mortais. O segundo salto era parecido ao primeiro e o terreno de ambos os lados não era montanhoso, mas rochoso e muito cerrado de vegetação. O terceiro salto é de todos eles o maior, pois tem uma queda de mais de quarenta palmos, limitado numa área de 12 braças e tem, visto de baixa, um aspecto como que escalonado. A curva no qual ele se acha, corre aqui o curso de N. a S., aí existem também morros chatos perto da margem esquerda. Na parte de cima da queda, existem blocos grandes de pedra nas águas e mais em baixo pequenas ilhas, das quais algumas são cobertas com mato. Abaixo do salto existem algumas ilhas maiores e em longos trechos águas mansas. Já pelas 3 horas, a chuva que cada vez mais se engrossava, obrigou-nos a construir ranchos, para abrigar nossa bagagem e secar nossas coisas. O único ribeirão que traspassamos hoje, está situado acima do salto e tem cerca de 3 braças de água. O terreno que vi hoje, é, com exceção dos poucos lugares onde os morros chegam perto do rio, bom e prestável, o mato inalterado. No último salto, observei uma qualidade de "sarandi" de flores púrpuras. Uma vez fomos dar numa ilha, porque havíamos tomado o braço d'água por um afluente do rio. Naturalmente não demorou muito em constatarmos nosso engano e tivemos que voltar novamente ao local de onde viemos, pois somente lá as águas eram baixas para dar passagem e assim tivemos um atraso de cerca 1 hora. Na ilha encontramos capivaras, mas não matamos nenhuma, porque as espingardas falharam.

Caçamos 2 bugios e 8 jacutingas; poderíamos ter matado 3 patos, si um dos nossos homens, por precipitação, não os tivesse afugentados. Durante o dia, chegamos a atingir hoje uma maior altura, pois somente os saltos somam uma altura de 80-90 palmos. Hoje à noite tomamos o nosso último café, por que, por descuido, duas latas com café ficaram debaixo das canoas que havíamos deixado para trás. A curva comprida e mansa, onde hoje armamos nosso rancho corre de O. a L., o curso geral do rio esteve hoje no sentido de O. N. O. — Hoje à noite Bichels deixou cair no rio uma das nossas panelas com 2 jacutingas, e sendo o rio neste local muito fundo, não pudemos, pelo menos, salvar e reaver a panela.

Segunda-feira, 26 de janeiro:

Tempo nublado. Depois de termos seguido hoje, por cerca de meia hora, o rio calmo, chegamos a um salto insignificante, além do qual continuava, até pelas 10 horas, o rio calmo. Aqui existem pequenas ilhas no fim de uma curva que corre de S. a N. e algumas toupavas insignificantes, mais além prosseguem as águas mansas. O terreno é igual em fertilidade ao que existe no Rio Morto, raros são os morros que chegam perto do rio, o mato, com excessão de alguns lugares onde existem espinhos e taquaras, é passável, de formas que pudemos avançar um bom pedaço hoje. Não obstante, foi muito pouco que nos aproximávamos da serra, pois o rio continuava sempre no mesmo curso geral. A primeira curva calma seguia de 5° com declinação de 10° de Sul a Leste, antes corre ela de Sul, com pequena declinação para Oeste, para então vir subitamente do Norte. O salto que passamos ontem é o *Salto do Pilão*. (Observ. do tradutor: Foi engano). Isto somente hoje constatamos, pois pela informação do soldado, não existem abaixo do Salto Pilão, águas mansas nem voltas calmas como passamos hoje. Palmas telheiras existem por toda parte em abundância, palmitos ainda aparecem em grupos, enquanto que os coqueiros começam a escassear. Em compensação havia muita taquaraçu. Caçamos 1 pavão e 1 macaco.

Terça-feira, 27 de janeiro:

Tempo nublado. O rio continua ainda calmo, de forma que mal se percebe para que lado ele corre, além disso, largo como no Rio Morto e, pelo que parece, bem fundo; seu curso, com pouca declinação, para o Norte. Quando havíamos marchado hoje por cerca de 1/2 hora, num mato completamente aberto, deparamos com um local, onde morros rasos chegam até ao rio e a umas 10 braças distantes deste formam um muro de pedra, perpendicular, de 25 palmos de altura, que consiste, todo ele, de blocos de pedras quadradas que pareciam ser uma muralha feita com arte e primor. Este muro dá passagem à um caminho, comodamente, tanto por baixo como por cima dele e também só tem um comprimento de 50 braças. Para nós esta muralha foi muito incômoda, pois levamos muito tempo para vencer esta distância, abrindo caminho, penosamente, por um emaranhado de espinhos, etc. — No rio existe aqui uma insignificante toupava. Mais tarde o mato, com exceção de alguns poucos lugares, tornou-se aberto e com clareiras. Os morros chegam muitas raras vezes próximos ao rio, de forma que o terreno nada deixa a desejar. Para o

futuro existe um *verdadeiro tesouro* para a colônia de Blumenau nestes terrenos. O mato continua inalterado, palmitos com mais frequência, coqueiros mais raros, taquaraçu, — muito frequentes. Lamento muito não poder ter feito fixação astronômica do lugar. Caçamos 12 jacu-açus, 4 jacutingas, 1 tucano e mais 4 jacus, dos quais 1 o cão comeu e os 3 restantes caíram no rio.

Quarta-feira, 28 de janeiro:

Parece-me que hoje tudo se conspirou contra nós, a chuva que ontem à noite já caía abundantemente, continua, com poucas interrupções; até o mato, que até agora estava mais ou menos, não poderia ser pior, nós avançávamos apenas palmo por palmo, abrindo caminho naquele emaranhado enredo de espinhos, ouriçados cipoeiros, taquaris, etc. Além disso voltou a incerteza se realmente estávamos seguindo o braço certo do rio que leva à serra! Ninguém de nós, nem mesmo os soldados, pôde dar resposta certa às seguintes perguntas; O salto grande, que ultrapassamos por último, era o *Salto do Pilão*, ou não era? Pela descrição dos soldados devia ser. — Ele é alto, não cai perpendicularmente, mas com intervalos, além do salto acha-se um rio morto, no meio da queda existem grandes pedras, tudo combina. mas mesmo assim os soldados não estavam em condições de afirmar com certeza que é ele realmente o Salto do Pilão. Abaixo do Salto do Pilão consta que existe um braço secundário que se dirige ao divisor d'água do Itapocu, mas ninguém o viu ou sabe dizer algo sobre seu tamanho, — será que é um dos que passamos até agora, ou será ele o que ora estamos seguindo? Neste último caso o braço que segue para o Itapocu é mais forte do que o braço principal, que vem da Serra, pois o rio ao nosso lado tem a mesma largura que o Itajai, na altura da foz do Garcia, corre calmo, (hoje sem ser interrompido pela mínima toupava) e parece ser muito fundo. Se estamos, portanto, seguindo a um braço que não se acha consignado em nenhum mapa, de cuja existência e tamanho ninguém tinha alguma noção, então malogrou-se o nosso real propósito, porém nossa expedição não pôde ser julgada ter sido em vão. Uma outra pergunta é esta: Nós estamos realmente no braço principal, ou já no denominado Braço do Norte? Não notamos nenhum entroncamento, mas também não estávamos sempre em condições de nos manter bem à margem do rio, porque isto muitas vezes era *impossível*. Os barrancos estavam quase sempre cobertos com espessa vegetação de espinhos e impenetráveis, impedindo qualquer visão, além disso com caídas íngremes e altas. Eu nunca tive que mudar tantas vezes como hoje, a direção da caminhada, para poder saber com certeza se nós estamos nos aproximando da serra, ou se nos estamos afastando dela, para o Itapocu. De início o curso era de N. N. O., depois N., subitamente mudava para L. N. L., aqui os morros chegavam rente à margem esquerda, que era coberta com espinhos. Este curso o rio manteve por umas 300 braças, depois acabaram os morros e o curso mudou-se para N. N. O., que veio mantendo, com pequenas declinações para um ou outro lado. Se estamos junto ao braço principal, então nos enganamos redondamente quanto à distância para a Serra. Quando deixamos as nossas canoas os soldados contavam poderemos, dentro de 14 dias alcançar a estrada, eu calculei tempo duplo e disse ao cadete que se abastecesse com farinha para 30 dias, — hoje

comeremos nossa última ração de farinha e nosso "pão de munição" (pão-bolacha), dá só para 3 dias, se todos avançarem no mesmo, e depois, o que comeremos? Até agora a caça sempre foi boa, se continuar assim, tudo poderá ir bem, mas *como será* se não encontrarmos nada para caçar? Eu, de minha parte, nos últimos 3 dias, mal comi algumas migalhas de pão, mas posso eu impedir meu pessoal, que assim já todos parecem quase como espectros, a comer? Puz hoje o cadete à vontade para optar se queria voltar com seus soldados ou não; os homens mostravam bastante vontade para voltar, mas parece-me que tinham medo de voltar sozinhos. Tive compaixão deles, pois seus pés achavam-se terrivelmente maltratados pelos espinhos encontrados na caminhada, uma vez que suas botinas foram perdidas ao virar a canoa. Eu poderia ter mandado eles naquela ocasião de volta, pensei, porém, que os dois soldados que já haviam estado por estas bandas uma vez, poderiam me dar uma orientação ou informação, e os 2 sozinhos também não poderiam levar uma canoa de volta. É coisa exquisita, até agora ainda não encontramos em nenhum dia um mato seco, nossas roupas são verdadeiros farrapos, apodrecendo em nosso corpo. Hoje tive que me lembrar do último dia de nossa expedição ao Rio do Testo; o senhor Friedenreich sem dúvida nos teria profetizado morte certa; já que hoje não podíamos pensar em alcançar acolhimento na casa de algum colono! O terreno hoje apresentava-se de ambos os lados muito bem, menos nos dois lugares montanhosos já mencionados; passamos por um ribeirão grande, que apesar de ser baixo, tinha umas 2,5 braças de água, além de outros córregos insignificantes. Palmitos e palmas telheiras já eram raras hoje, mal podemos encontrar palmitos prestáveis para a confecção do rancho, as folhas eram pequenas e, em sua maioria, amarelas e quase secas. Caçamos 1 jacutinga, oito jacu-açus, 1 uru. Nosso sal bastará somente ainda para 3 dias, mais tarde teremos que usar a carne-seca como substitutivo de sal. Que seja, enquanto nossas pernas nos aguentarem não desviaremos a vista de nosso intento!

Quinta-feira, 29 de janeiro:

Hoje o mato apresentava-se outra vez tão inóspito quanto possível, de formas que só muito lentamente podíamos avançar. O terreno, apesar de ser plano, estava tão coberto com espinhos e taquaras que nos fazia perder a paciência. O pior é que o rio continua com aquela sua calma! Pelo meio dia ultrapassamos uma pequena toupava e agora estamos ouvindo o murmurar da segunda, em frente ao nosso rancho. Defronte, na outra margem, há morros e rio acima parece que também chegam morros até ao rio; tomara que de uma vez por toda aparecesse a subida do rio! O curso do rio, hoje de manhã, estava bem para o oeste, pelas 9 horas mudou para o norte, com declinação para leste, a curva em frente ao nosso rancho corre de NNO-SSL. Até agora não vimos nada da serra, e nossa provisão de mantimentos está esgotada, — nossa ceia consiste apenas de uma sopa rala de pão e 1 jacu para 8 pessoas. Pela 1 hora fomos surpreendidos por uma forte chuva, de formas que tínhamos que parar e construir rancho! Os transtornos causados pela intempérie reinante já se fazem sentir consideravelmente, todos estamos pálidos, eu tinha fortes dores de estomago com diarréia preta, etc. Dos brasileiros, apenas o cadete ainda é o mais forte, os outros dois mal podem andar e chegam sempre alguns minutos

após nós em cada parada que fizemos, não obstante termos que abrir primeiramente uma picada para passagem. Hoje não caçamos nada. — Os palmitos começam, nos lugares onde o mato melhora, a aparecer com mais frequência, coqueiros são mais raros. — As margens hoje eram altas, porém o terreno caía em declive para a baixada, provavelmente há pântanos em alguns lugares. Os ribeirões que ultrapassamos hoje, eram insignificantes, porém tinham barrancos altos e íngremes. — Quando estávamos construindo o rancho, ouvimos muitas vezes os bugres do outro lado do rio.

Sexta-feira, 30 de janeiro:

Depois de termos comido hoje de manhã nossa merenda, que consistia apenas de 250 grs. de carne seca cozida, como condimento, com palmitos, avançamos por cerca 1,1/2 hora rio acima por péssimo mato, depois tivemos que atravessar um ribeirão de cerca 7 braças de largura e deparamos com morros altos que, de ambos os lados, estreitavam o rio, que, não obstante, ainda continuava a correr calmo no curso principal de N.N.O., raras vezes interrompidos por toupavas com pouco caimento. Hoje ao meio dia, tive sorte de obter, além (observ.: Aqui havia uma parte manchada e ilegível) também a altitude meridional, mas mais tarde tentarei novamente uma observação, pois o sol nas proximidades do meridiano se desloca muito rapidamente de L para O. e a todo instante fica atrás de folhagens que me cobrem a imagem refletida, ou direta, do mesmo. Consegui as seguintes observações:

0h 7' 18"	— —	80° 0' 75")	
0h 13' 39"		80° 21' 10"	(
0h 19' 18,5"		80° 28' 45")	B. Inf.
Altitude meridional		80° 29' 10"	(
0h 23' 26"		80° 27' 47")	

A isto a seguinte fixação da hora:

3h 53' 21,5"		40° 32' 50")	
3h 55' 52"		39° 59' 15")	Bord. Sup.

A altitude meridional foi tomada na foz de um ribeirão de cerca de 1,5 braças de largura. Será que os morros altos que aqui cercam o rio, o qual ainda continua muito largo, já pertencem à Serra, e levam, por assim dizer, o rio diretamente de uma garganta ao caminho? Mas porque ainda aparecem palmitos em abundância? Eu imaginava que ao pé da serra (e acho que agora devemos estar de fato lá) existiam apenas pinheiros e cedros? Dos primeiros ainda não encontramos nenhum vestígio, e cedros não aparecem aqui com mais frequência do que na Garcia. Em alguns lugares começavam a aparecer, uns 10 palmos acima do nível da água, uns paredões de pedras íngremes, que as vezes formavam grutas disformes; hoje à tarde encontramos uma destas de cerca de 80 palmos de comprimento e 30 palmos de profundidade, cobertas completamente com pedras que ressaltavam sobre as mesmas. As forças do pessoal diminuem de instante a instante, um dos brasileiros mal pode se arrastar ainda. Caçamos 3 jacu-açus, pegamos 4 traíras, infelizmente possuímos apenas mais um só anzol, os demais perderam-se na maioria dos casos arrancados por traíras grandes. O tempo hoje, pela primeira vez, está bom, após nossa partida.

Hoje a noite tivemos dificuldade de arranjar a quantidade necessária de palmitos para fazer o rancho; será que os mesmos já estão ficando mais raros? Hoje encontramos, em alguns lugares dos morros "taquary da serra".

Sábado, 31 de janeiro:

Hoje o mato estava, às margens do rio, que ainda permanece completamente calmo, tão impenetrável, que fomos obrigados a escalar pelos morros e subir e descer com *dificuldade* grotas e encostas. De um morro me foi possível ter uma visão panorâmica de pequena parte do terreno, mas lamentavelmente constatei, como já o presumia, que a serra ainda se acha muito longe, pelo menos não constatei nenhum vestígio da mesma. O curso do rio foi hoje seguidamente para o norte, e nessa direção também seguia todo o vale do rio visível; cheguei, por isso, à convicção, que o braço que temos seguido até agora, é o mesmo que pude observar, quando de nossa expedição para o Rio do Teste, reparando do cume de um morro, ao Oeste, com uma declinação para o Norte, ao lado do divisor das águas do Rio Benedito, que também não pode estar muito longe, já que nos últimos tempos só desembocavam pequenos ribeirões, vindos desse lado, no rio. Portanto o Itajaí deve, antes do Salto do Pilão, que até então ainda não chegamos a passar, o que também é a opinião dos soldados, se dividir em dois braços, dos quais seguimos o maior, enquanto que o outro nos ficou oculto pelas ilhas. Ao que me parece já no primeiro dia de nossa caminhada não vimos a bifurcação do rio e seguimos este rio. Em todo o caso, os ribeirões e os três últimos saltos que passamos, pertencem a este braço. Quando chegamos hoje ao rio, resolvi voltar daqui, já que agora me convenci plenamente, de termos seguido um braço do Itajaí, até agora desconhecido, uma vez que o prosseguimento nesta caminhada é inútil agora; em todo o caso o rio ainda segue por muitas léguas na sua velha rota, pois segundo constatei pelas minhas observações de ontem, ainda hoje nos achamos na mesma latitude da sede (Stadtplatz), enquanto que do alto Rio do Teste, eu o tinha ao Oeste, assim, poderíamos caminhar ainda uns 14 dias e da mesma forma estaríamos muitas léguas mais ao Norte, sem contudo aproximar-mo-nos mais da Serra do que ontem e como há 8 dias, e isso não está em nosso interesse. Voltei ao rancho que havíamos deixado hoje de manhã e comecei a fazer duas balsas, porque nas balsas, que também podem navegar no rio manso durante a noite, conseguimos chegar mais ligeiro às canoas e ao mesmo tempo poupar um pouco as forças, já completamente esgotadas, do pessoal, também talvez conseguiremos matar uma capivara que por acaso encontramos no rio. No local em que encetamos nosso retorno, existem, quase à margem esquerda, 3 blocos grandes de rochas, cerca de 15 palmos para fora da água, acima dos mesmos desemboca um pequeno ribeirão; na margem direita existe terreno plano, enquanto que deste lado há morros bem perto do rio. Trataremos de voltar o quanto antes para as canoas, de lá mandarei os três brasileiros com a canoa de araribá de volta e com o restante do pessoal seguiremos o braço que acima (?) do Salto do Pilão se separa do outro, e provavelmente tem um curso para o Oeste. A região dos palmitos, que havíamos quase deixado há 8 dias, torna-se, devido ao nosso curso para o norte, cada vez mais abundante. Hoje existiam palmitos

em grande quantidade nos morros. Durante a pesca de hoje perdemos nosso último anzol de pescar traíra. Caçamos 2 jacu-açus.

Domingo, 1^o de fevereiro:

Tempo ruim com chuva. Depois que constatamos que precisaríamos muito tempo para construir balsas do tamanho a suportar 4 homens, com o auxílio de um só machado, levantamos acampamento às 8,30 hs e alcançamos, após uma marcha estafante em terreno montanhoso, estropiados e exaustos, nosso rancho do dia 30 do mês passado. Os brasileiros não puderam nos acompanhar com seus pés nus e chegaram somente 1/2 hora mais tarde, apesar de termos esperado por eles de hora em hora na caminhada. O preto está agora mesmo ocupado em fazer um par de sandálias de um cano de bota velho. Caçamos 1 jacutinga e 3 urus. Mais tarde faremos com marchas diárias prolongadas, de 2 dias de viagem, um só, porque estamos completamente desprovidos de mantimentos. O tempo, lamentavelmente, está novamente deplorável, nesta época do ano não iniciarei nunca mais uma excursão prolongada no mato. Em 5 dias devemos atingir as canoas.

Segunda-feira, 2 de fevereiro:

Chuva constante. Hoje partimos bem cedo, pois nosso lanche, que se compunha apenas de uma oitava parte de um uru para cada homem, não demorou muito tempo. Não obstante isso, alcançamos somente pelas 3 horas da tarde o nosso rancho do dia 27 de janeiro, do que resulta que, apesar do péssimo terreno e mato, fizemos boas marchas diárias rio abaixo. Chegamos com muita fome, pois marchamos sem parar. Caçamos 6 jacu-açus, 4 urus, 1 pomba.

Terça-feira, 3 de fevereiro:

Tempo nublado. À tarde chuva. Acabamos novamente um mau dia. — O rio estava tao cheio, devido a chuva de ontem, que todos os pequenos ribeirões que tínhamos que atravessar estavam cheios de águas estancadas do rio; como será, então, com esta constante chuva, nossa viagem de canoa, rio acima? Eu tinha contado com tempo melhor e rio baixo, para poder seguir com nossa canoa de cedro, pelo menos até o Salto do Pilão, e não posso esperar por tempo melhor, porque os mantimentos existentes debaixo da canoa, chegarão no máximo para 10 dias, depois dos soldados terem ido de volta. O mato hoje estava muito ruim, de forma que chegamos somente pelas 5 horas ao nosso rancho do dia 25 de janeiro, algum atraso também nos causou um dos soldados que desmaiou de fome e esgotamento. O rio em nossa frente tem *bem a dupla* largura do Itajaí, na embocadura do Garcia, não é de admirar, pois, que o tomamos pelo próprio Rio Itajaí. Caçamos 1 macaco, 1 uru, 1 macuco, 1 jacu-açu e 1 jacutinga.

Quarta-feira, 4 de fevereiro:

Eu tinha posto todas minhas esperanças, com relação ao tempo, na mudança da lua, mas estas foram amargamente frustradas. Houve real-

mente uma mudança, porém de que forma! A chuva que durante toda a noite caía forte, continuava em cântaros quando nos aprontávamos hoje de manhã para partir e continuou durante todo o dia. O rio estava cheio, de forma que os pequenos ribeirões estavam represados em alto nível com água do rio, mas *línhamos* que passar, pois *estávamos com fome!* O ribeirão grande tinha água corrente, mas felizmente nossa ponte provisória ainda não tinha sido levada, apesar de achar-se uns 3-4 pés debaixo d'água, mas mesmo assim pudemos atravessá-la, — o fundo rochoso mal podíamos alcançar com as mais compridas varas. Até aqui não conseguia decifrar onde é que ficaram os mantimentos que havíamos levado em abundante quantidade, mas agora vejo o que ocorreu a este respeito, — os brasileiros, para se livrarem da carga, jogaram, tanto a carne-seca, como também farinha, furtivamente, fora; agora, porém, notando que eu os observava, se abriram e contaram ingenuamente o que fizeram; um deles disse que colocou a sua carne-seca debaixo de uma árvore, mas não sabe mais bem certo aonde!!, um outro, porém, colocou um pedaço, de cerca 4 quilos, ao menos, no rancho, de formas que agora isso nos vem a ser de bom proveito. Repetidas vezes constatei farinha derramada atrás dos ranchos, infelizmente agora já estava imprestável. Apesar do mau tempo, também conseguimos fazer hoje uma boa jornada, chegamos às 5 horas ao rancho do dia 23 de janeiro. Caçamos 1 jacutinga e 6 urus.

Quinta-feira, 5 de fevereiro:

Tempo nublado, à tarde chuva. Hoje partimos já ao alvorecer, pois queríamos tentar chegar às canoas antes do anoitecer; corremos que nem antas e agora desfrutamos o esforço que fizemos. Já às 5 horas alcançamos as canoas. Algum atraso causou-nos o 2º ribeirão, sobre o qual tivemos que fazer um pontilhão, pois estava cheio e com forte correnteza, e nosso pontilhão anterior, de troncos, fora levado pelas águas. O rio subiu, no máximo, uns dois palmos mais do que estava, quando deixamos este rancho no dia 21 de janeiro. Os brasileiros podem, portanto, já encetar a viagem de volta amanhã.

Sexta-feira, 6 de fevereiro:

Chuva. Eu hoje pretendi me livrar dos brasileiros, porque eles *de propósito desperdiçaram e diminuiram* nossos mantimentos, mas não foi possível convencê-los de encetar o regresso. Tivemos também que perder a esperança de deixar um deles conosco, para nos ajudar a levar a canoa de cedro até abaixo do Salto do Pilão, já que cada um deles se negou peremptoriamente de continuar mais tempo no mato. Aproveitamos o dia para fazer vários remendos na roupas, limpar as espingardas, etc. — Meu instrumento entreguei, muito bem acondicionado, ao cadete; queira Deus que chegue bem, e sem ser danificado, na Garcia! No rancho achei ontem, quando lá chegamos, um monte de farinha, (cerca de 1/2 quarta) que eu havia entregue a um dos brasileiros, antes de nossa partida por via terrestre, para carregar! Não é mesmo de admirar que, ante estas circunstâncias, tivéssemos passado fome. Nunca mais em minha vida eu me arrisco a ir no mato com gente em quem não se pode confiar.

Sábado, 7 de fevereiro:

Depois dos brasileiros terem partido de regresso com a canoa de araribá, começamos a pendurar os poucos mantimentos que ainda tínhamos, como carne-seca, toucinho, etc., pois o tempo prometia melhorar. Nosso rancho parecia uma oficina de alfaiate e tínhamos ocupação para o dia inteiro, como reparar nossa roupa e sacos, os quais mais tarde necessitávamos para levar os mantimentos, remendar nossos sapatos, etc. — O rio começa a baixar, de formas que amanhã tentaremos prosseguir na expedição.

Domingo, 8 de fevereiro:

Infelizmente as águas do rio ainda não tinham baixado ao nosso contento, mas, *não obstante*, tínhamos que fazer a tentativa de seguir adiante, pois diariamente gastamos mantimentos! As águas esbravejavam terrivelmente na toupava de cerca 300 braças de comprimento, — o pior era a profundidade às margens do rio, e a cada instante estávamos em perigo de tudo perder,; canoa e até a própria vida, já que muitas vezes somente um débil barço de samambaia ou outra planta qualquer tinha que aguentar tudo. — Pelas 9 horas não conseguimos ir mais além, apesar de todos nossos extremos esforços, quando, então, descobri um pequeno braço, que entre os arbustos, abria caminho, paralelo à toupava; depressa removemos os paus e introduzimos nele a canoa, e assim puxamos esta umas 300 braças, quase que por cima do seco. Logo acima da toupava descobrimos o *Rio do Sul*, em cuja embocadura existe uma ilha bastante grande que o divide e o oculta completamente. Em sua embocadura ele é mais estreito do que o Braço do Norte mas parece ter mais água, pelo menos no momento. A água do Rio do Sul, talvez devido as chuvas é mais turva do que a do outro braço; a parte do terreno que forma a bifurcação é plana, ao mais há morros nas margens. Conseguimos subir com a canoa umas 100 braças no braço; paramos pela 1 hora, levamos a canoa para dentro do mato e prosseguiremos amanhã nosso caminho por terra, pela margem esquerda. Eu creio que agora devemos encontrar o braço que dá para a serra. Caçamos 1 jacutinga e 1 pavão.

Segunda-feira, 9 de fevereiro:

Depois de termos tomados os necessários preparativos para o prosseguimento da expedição por terra, partimos, carregados como burros de carga. Em nenhuma ocasião, depois de termos deixado a Garcia, encontramos tantos obstáculos a vencer, que nos preparava o terreno, como hoje, uma vez que rochosas montanhas encurralavam o rio, num leito de no máximo 60-70 passos de largura, o qual com imensa impetuosidade, sem interrupção, procura seu caminho em enorme caída.

Avançamos, e com muita dificuldade, muito lentamente, pois tínhamos que caminhar, ora nas encostas do morro, ora lá em baixo por sobre pedras íngremes e lisas. Somente pela 1 hora é que os morros começaram a ficar mais afastados do rio, de forma que este pôde se alargar mais um pouco e correr mas tranquilo, depois de ter formado alguns pequenos saltos, sobre os quais, porém não podíamos ter uma visão mais ampliada, já que ilhas pequenas e maiores os dividiam.

A queda do curso do rio, hoje, pôde ser estimada, no mínimo, em 150 palmos. Eu acho que na outra margem do rio a estrada deve ser mais fácil a ser construída, pois deste lado ela deve ser traçada bem mais para cima dos morros. Hoje achamos muitas picadas de bugres, das quais algumas apresentavam sinais de recente utilização. Eu ainda estou convencido de que o Braço do Norte, por nós percorrido, é maior do que este. O mato nos morros estava muito fechado com taquaras finas e matagal baixo. As rochas nos morros consistem de pedra-lióz, em parte bem soltas. Pela 1 hora, encontramos, lá onde a toupava sofre a primeira interrupção, grandes blocos de pedra de aparência preta e vidrada, formada, toda ela, de pequenas pedras firmemente coladas umas às outras. O mato continua sem alteração, ainda há palmitos, se bem que não mais tão numerosos. — Pegamos traíras, tanto quanto preciso. O curso do rio foi hoje de O.S.O., com uma pequena declinação para O. — Ontem à noite as pernas de minha calça queimaram; eu tinha pendurado minha calça perto do fogo para secar, — no dia anterior eu havia remendado, com muito custo, aquela minha calça; Já estou prevendo que em breve terei que andar completamente nú, atravessando os espinhos, etc.

Terça-feira, 10 de fevereiro:

Ontem à noite fomos surpreendidos por uma forte trovoadas e ao mesmo tempo ficamos inteiramente encharcados visto que nosso rancho, em face das poucas folhas de palmitos, não tinha cobertura impermeável, à prova de chuva. — O terreno hoje ainda era pior do que ontem, o rio ainda corre com a mesma violência como d'antes, os morros são íngremes e rochosos, as margens e o leito do rio estão cheios de grandes blocos de pedras e o mato está tão emaranhado com taquari, etc., que mal podíamos fazer caminho e avançar. Pelas 9 horas encontramos um ribeirão do tamanho do Jordão, e duas horas mais tarde um maior; o terreno entre estes dois ribeirões é o único terreno plano que vimos hoje. Matamos, a tiro, 2 jara-racas-açu, das quais, notadamente, a primeira, poderia ter-se tornado perigosa, pois os três primeiros homens já haviam passado inadvertidamente pela mesma. Logo no começo notamos uma picada feita, poucas horas antes, por bugres, que provavelmente viram a fumaça de nosso rancho e vieram fazer reconhecimento.

Com toda a probabilidade, o Salto do Pilão deverá estar no fim destes saltinhos e toupavas. — No máximo dentro de 8 dias, mostrar-se-á se nos será possível alcançar a serra ou não! Há grande quantidade de coqueiros.. O curso do rio ainda continua como todo o dia, bastante em direção ao sul. — A volta, defronte ao meu rancho, corre, com um desvio de 100º do Norte sobre Leste, portanto é completamente retrógrada. Acredito mesmo que investigações posteriores e principalmente uma medição para o traçado de um caminho, removerá muitos obstáculos.

Pelas experiências que tive até agora devo reconhecer francamente que o êxito de tais chamadas expedições, não está em *nenhuma proporção* com o custo das mesmas, é, por assim dizer, pescar com fisga em água turva. Se devem, e *for preciso*, fazer tais excursões, então elas somente devem ser executadas por pessoas que *têm interesse na causa* e não por *trabalhadores pagos*. — Somente pela consecução casual de um resultado

proveitoso, é que o cansaço e a judiação, que tais expedições trazem consigo, podem ser compensadas, *mas nunca com dinheiro* algum. Admitido mesmo, que nós conseguimos (o que ainda não acredito) subir a serra, então, — alcançamos grande coisa com isso? Não podemos informar nada, — nem sobre a extensão das caminhadas percorridas, nem mesmo chamar a atenção sobre todas as dificuldades que a construção de um caminho terá que enfrentar e transpor, já que um caminho não pode, nem deve seguir sempre o rio, sem fazer grandes voltas. — Bichels queixou-se hoje à noite de fortes dores de barriga, de fato, ele tem um aspecto lastimoso, tomara que seu estado de indisposição não se agrave; eu também, quando subimos o Braço do Norte, tive que sofrer muito, o marchar tornava-se muito penoso, porque a diarréia resultante da indisposição, enfraquece muito a pessoa.

Quarta-feira, 11 de fevereiro:

Agora são apenas 11 horas e já estamos prontos com o nosso rancho! Parece-me agora que — *não* é para nós alcançar a serra! O estado de saúde de Bichels piorou durante a marcha de hoje tanto, que já às 9 horas ele não podia se aguentar mais em pé; o terreno, que hoje ainda é tão ruim como ontem, não nos permitiu construir desde logo um rancho e assim tivemos que carregá-lo até aqui, ele tem uma aparência muito mal, queixa-se de dores no peito e nem pode se mexer. Depois que me certifiquei que ele não tinha febre, lhe fiz um café bem forte e o envolvi em mantas de lã, para fazê-lo suar, espero que não tenha cometido um erro com isso. Quisera ter podido levar dois daqueles brasileiros então eu os poderia deixar aqui e prosseguir, com os 2 restantes homens, a viagem! *Mas assim, — somente eu sobrarei, para sozinho prosseguir a caminhada!* O rio conservou hoje seu curso desditoso, de S.S.L. e S.L. e também seu enorme declive, mal tem a largura de 50 passos, seu leito está repleto de blocos de pedras. Os morros íngremes que o estreitam, só dão trânsito com um caminho por cima, talvez em meia altura ou bem por cima, pois não são muito altos. — A curva defronte o rancho corre com 105° de declinação N. para L.. — Eu acho que nestes 3 dias nós vencemos apenas umas 4-500 braças, apesar de termos feito tudo quanto estava ao alcance de nossas forças. Nós mal nos aproximamos umas 1.000 braças da serra, queira Deus que o rio em breve modifique seu curso! Nossos mantimentos sofreram consideráveis gastos, pois não podemos pescar e nem vimos caça alguma. À noite trovoadas com chuva.

Quinta-feira, 12 de fevereiro:

11 horas da manhã. — FINALMENTE ALCANÇAMOS O SALTO DO PILÃO! Pelo menos este magnífico salto, que aqui, se estende num comprimento de 250-300 braças e, com uma queda de no mínimo 80-100 palmos, ruidosamente se projeta, não pode ser outro! Não são despenhadeiros bruscos que lhe dão este aspecto lindo e sublime, mas sim os belos e pitorescos grupamentos dos blocos de pedras que cobrem seu leito e que nas mais variadas formações e tamanhos estão sobrepostos uns sobre os outros. Do lado de cá da margem existem lajes de pedras lisas, inclinadas para a água, do tamanho de 100 passos, ou mais, de com-

primento e que, com exceção de algumas fendas compõem-se de uma só peça. A largura do volume d'água, na média, mal alcança a 50 passos.— Acima do salto, tanto quanto se pode ver daqui, parece haver águas mansas. O rio conservou hoje por cerca de 200 braças seu curso de ontem, para depois voltar-se para o sul e logo depois para S.O., o qual daí então tem conservado assim. O declive do rio, até agora tem sido mais forte do que nos últimos dias, havia saltinhos após saltinhos cujos intermeios eram preenchidos por fortes toupavas. No rio, e principalmente às margens, haviam muitas vezes rochas da altura de uma casa, às vezes apoiadas apenas em rochas menores. Quão imensas forças d'água não foram necessárias para deitar de modo tão arrojado, estes grandes blocos de pedra. A curva na qual a parte superior do Salto do Pilão se estende, tem uma largura de cerca 500 braças, com declinação de 60° do S. para O.— Na parte superior do Salto, existe, no meio do mesmo, uma pequena ilha coberta de mato. Os morros de hoje não eram nem de longe tão altos e íngremes como ontem. A curva existente acima do Salto vem, tanto quanto posso ver daqui, completamente do sul! À NOITE: A esperança de encontrar acima do Salto águas mansas e terreno plano foi um engano; o declive do rio, que alargou-se consideravelmente, ainda é enorme, um salto segue, em forma de terraços, em subgrupos de no máximo 400 braças, ao outro. Hoje à tarde passamos por 4, o primeiro tinha uma queda de talvez 40 palmos, os demais 20 a 30 palmos, os espaços intermediários eram preenchidos por toupavas e saltinhos. Depois de concluída a construção do rancho, ainda fui até um salto de mais ou menos 20 palmos de altura, acima de nosso rancho, para lá pescar e pude avistar uma volta de cerca 500 braças de comprimento (S.N.), parecia-me estar sobre um morro e alcançar com a vista a paisagem d'um vale! A depressão da água importa no mínimo em 8°-10°! O salto, do qual acima escrevi, é quase perpendicular nesta margem, enquanto que na outra margem a água corre sobre lajes de pedra de grande extensão. O curso do rio em geral era do S, com insignificantes variações para o L. ou O.— Hoje observei, por várias vezes, barços de fúcias (brincos-de-princesa) que estavam em plena florescência. Pode parecer exagero, pelo menos para os que nunca estiveram aqui, mas posteriores medições confirmarão minha asserção,— o Braço do Sul tem, no seu decurso, daqui até sua foz, um declive de mais de 1.000 palmos. A serra não pode ser mais muito alta, pois até aqui a expedição militar tem chegado em canoas, sem ter encontrado grandes declives, mas é muito difícil de constatar a distância na qual ainda se acha; caso a debilitação do pessoal, que diariamente mais se acentua, não me permitir subir a serra, quero, pelo menos, avançar tanto quanto o consentir a nossa provisão de mantimentos, e então subir a um morro para de lá ter uma supervisão sobre a região serrana. Parece-me que a doença de Bichels apenas foi grande prostração, da qual todos nós sofremos,— principalmente à tarde temos que descansar frequentemente, para poder depois, com muita dificuldade, arrastar adiante nossos corpos cançados. Hoje à tarde eu toquei, com a coronha de minha espingarda, numa jararaca-açu, que estava dormindo, a qual, de susto, deu um tal pulo que voou sobre o meu pé, sem ter me mordido. Ao pé de um salto encontrei, debaixo de uns pedaços de madeira, trazidos pelas águas, algumas pinhas apodrecidas pela metade.— Os palmitos diminuíram

depressa, existem esporadicamente e em exemplares miúdos; coqueiros são frequentes. — Caçamos 1 macaco.

Sexta-feira, 13 de fevereiro:

Cerca durante 2 horas o rio conservou seu declive acentuado depois aparecem intervalos entre saltinhos, agora temos, desde uma meia hora, águas completamente mansas e um belo rio largo ao nosso lado, em cujas margens existem ótimos terrenos. Até as 2 horas tínhamos que vencer fortes obstáculos do terreno, o mato estava quase impenetrável, e os morros, que aliás não eram muito altos, e colinas eram difíceis de passar, só podíamos avançar lentamente e ficamos muito cansados devido o constante subir e descer. Pelo meio dia atravessamos, após longo tempo, o primeiro ribeirão, que tinha o tamanho do ribeirão da Velha, em frente sua desembocadura existe uma ilha coberta de mato e logo abaixo desta um pequeno salto. — O curso do rio, ao começo, era nitidamente do sul, já que as pequenas declinações para o Oeste foram compensadas por iguais declinações para o Leste, mais tarde seu curso tornou-se de S. O. — A curva à minha frente corre com 120 declinação do Sul para Oeste, A 75 declinação do Sul para O. vejo um morro isolado, que parece ser muito alto, com um platô abobadado, a uma distância de cerca meia légua. Até aqui outrora os soldados levaram 6 dias para chegar, isto é, com canoas e rio cheio; quanto tempo este rio, cuja bifurcação talvez alcançaríamos em 2 dias, provavelmente, ainda seguirá para cima? Nossas provisões de mantimentos dão apenas ainda para 8 dias, será que alcançamos a serra neste espaço de tempo? Amanhã se decidirá se podemos continuar com nossa expedição ou seremos obrigados a voltar; eu, pelo menos, procurarei obter uma visão do alto de um morro sobre a serra, se esta for inalcançável, então não adianta prosseguirmos mais, pois não será muito difícil de traçar um caminho por este terreno plano até ao pé da serra; achar um lugar apropriado para subir a mesma, tem que ser feito naturalmente de cima para baixo, e isto tem que ser feito imprescindivelmente, pois seria muito difícil, achar, ao acaso, o melhor traçado para a subida. Aliás, não duvido da possibilidade de se traçar um caminho, também em direção ao Oeste, desde a primeira bifurcação do rio, diretamente para a serra, uma vez que os morros que cercam o rio, em todo caso, possuem planaltos grandes que não são interrompidos por ribeirões, nem por desfiladeiros nos dorsos dos morros. As distâncias seriam consideravelmente encurtadas com isto. Segundo o relato de um dos soldados que antigamente aqui teve contacto com os bugres, o trajeto, desde a bifurcação do Braço do Sul, até ao pé da serra pode ser feito em 8 dias, isto é, pelos bugres que conhecem as suas picadas. Os obstáculos do terreno, que nos separaram até então da serra, já vencemos, e justamente agora, onde só temos terreno plano e mato passável em nossa frente, tenho medo da imprescindível necessidade de ser obrigado a voltar, sem ter escalado a serra! Porém, o que hei de fazer, sem ter mantimentos? Comer traíras? Sem sal? Palmitos não há mais, animais de caça, há muito tempo já que não mais vimos. Agora mesmo verifiquei a quantidade de farinha, que apenas ainda dá para sete dias, *se seu consumo for reduzido ao mínimo*. Carne-seca, que serve ao mesmo tempo para substituição do sal, vai chegar apenas ainda para 6 dias, e isto, *se for bem esticada!* Nas proximidades do

ribeirão, do qual há pouco falei, encontrei vestígios de uma picada feita a facão há mais ou menos 2 anos. Taquaraçu não encontrei aqui no Braço do Sul, porém uma espécie de cana, da grossura de uma polegada, das que há em quase todos os morros do Garcia, encontra-se aqui em abundância; palmitos sumiram-se, como por encantamento, palmas telheiras há bastante aqui em cima; coqueiros, de tamanho enorme são os pés que mais existem no mato, árvores grossas são raras aqui, as de troncos mais grossos têm um diâmetro de 2 1/2 a 3 palmos: as margens aqui no rio morto são altas e o terreno protegido das enchentes.

Sábado, 14 de fevereiro:

Já bem cedo subi o morro existente atrás de meu rancho, para ver se consigo uma vista para o Oeste, mas achei o morro com pouca inclinação e tão baixo que nem consegui olhar por cima das copas das árvores às margens do rio. Depois da merenda continuamos com a nossa marcha ao longo do rio, completamente manso, e conseguimos adiantar um bom trecho, através d'um mato favorável, não obstante de termos parado muitas vezes para esperar por Bichels, que mal ainda pode andar. Infelizmente a direção do rio era apenas de 35°-40° derivação para o Sul e as curvas retrogrativas, frequentes S. L., tão numerosas, que mal nos aproximamos umas 800 braças da serra. O morro que mencionei ontem, fica perto de nós, nesta margem. Amanhã eu vou escalar o mesmo, para afinal chegar a uma conclusão clara e definitiva, sobre a distância até à serra e a formação e condições do terreno à nossa frente. Se a serra ainda estiver mais distante do que 6 léguas, então não podemos pensar mais no prosseguimento de nossa viagem, pois teríamos que, ou abandonar Bichels, ou morrer de fome; a caça está péssima. Nosso cardápio usual é o seguinte: de manhã — traira cozida, cortada em pedaços e misturada com farinha; ao meio dia — Traira, assada na noite anterior no espeto, sem sal, aliás; à noite: Traira, assada na hora, ao espeto, servida ainda quente: Me dá enjoô, somente quando ouço a palavra TRAÍRA. Caçamos 1 jacu-açu. — Aqui, onde temos o nosso rancho, o mato é péssimo, completamente fechado com taquara fina. Palmas telheiras há em abundância, do mesmo modo Xaxim.

Domingo, 15 de fevereiro:

9 horas da manhã. Agora mesmo alcançamos o ponto do qual tenho uma vista livre e ininterrupta de L-SO; *vejo a serra que se distende na direção de L-O.* O ar é puro e claro, de formas que eu se tivesse aqui um bom telescópio, certamente poderia reconhecer cada árvore da serra. O terreno, até ao pé desta é completamente plano, o rio mantém uma direção de L.-N. para a serra e sobe na mesma a 15° L.-N. — Eu vejo perfeitamente a garganta pela qual ele sobe. Aqui estamos, portanto, muito para o Sul, para que pudesse ser aproveitado o terreno para uma estrada principal para a serra. A distância, em linha reta, não deve ultrapassar muito mais do que 4 1/2 léguas. A garganta, pela qual o rio sobe a serra, parece-me não ser muito íngreme.

Hoje de manhã eu abandonei o rio em direção a N.O. e alcancei, pelas 9 horas, o cume do dorso da montanha, que aqui se alonga,

em direção ao Oeste, para o morro que anteriormente já mencionei. O mato, notadamente ao começo, deixou muito a desejar, já que estava ao todo muito emaranhado com taquari fino. Às 9 1/2 horas alcançamos o pé do morro, o qual, no começo não era muito íngreme, porém, já pelas 10 horas, tivemos que nos desfazer de nossa carga e deixar nossa bagagem, pois tratava-se de escalar paredões a pique. Muitas vezes tivemos que andar de gatinhas, por muito tempo, sobre rochas salientes sobre enormes precipícios, em trechos que só podem ser atravessados por pessoas que não sofrem de vertigens. Às vezes pensávamos que teríamos que voltar, mas sempre achávamos ainda um lugarzinho onde podíamos firmar o pé e rastejar adiante. Somente pelas 3 horas chegamos ao platô do lado Sul e daqui pudemos divisar mais uma vez a Serra de Lages; depois fomos em direção ao Oeste, para, deste lado, obter uma vista panorâmica da região. Infelizmente frustraram-se as nossas esperanças, porque todo o lado N. O. do morro vai caindo lentamente. Tivemos que subir em árvores e assim conseguimos ver somente como, à longa distância, a serra corre do Sul para o Norte, para afinal desaparecer na neblina. Eu calculo a distância daqui até a serra, em direção Oeste, ainda em 8 léguas. Observei na mesma um morro alto a 70° derivação do Sul, e a cada lado do mesmo, mais dois menores. Não pude observar, com precisão, como é a constituição do terreno até a serra, pois o mesmo fica oculto atrás das árvores e dos morros, mas creio que a partir da primeira divisão do rio Itajaí, existe um divisor das águas, do formato d'um platô, que se estende até a serra, formando ao mesmo tempo uma ramificação da serra principal. O segundo braço, parece, não poderá ser utilizado bem para a implantação de uma estrada, pois esta ficaria muito longa. Dentro de uns 6 dias poderíamos alcançar a serra de Lages, mas o que lucrariamos com isto? Neste caso seríamos obrigado a voltar por Lages e com isso aumentar desnecessariamente as despesas da expedição. A formação do morro consiste em camadas de Xisto, sobrepostas horizontalmente. O platô é exressamente coberto com bambu grosso e também as encostas íngremes da montanha. No lado Leste do morro existem bastante palmitos. Às 4 1/2 encetamos nossa marcha de retorno ao lugar onde tínhamos deixado nossa bagagem e pernoitamos lá. *Amanhã vamos iniciar nosso retorno à Colônia* (16-2-1863). Nossas provisões bastam apenas ainda para 4-5 dias.

Segunda-feira, 16 de fevereiro:

Ontem à noite tivemos uma forte trovoadas com chuvas torrenciais, em consequência do que o rio subiu hoje consideravelmente e encheu os ribeirões com águas represadas. No momento fortes trovoadas estão se desencadeando por toda a serra, raios e trovões lançam-se por todos os lados, só faltava ainda agora, que o rio subisse tanto que nos impossibilitasse a descer por ele, no caso de ainda conseguirmos alcançar felizmente a nossa canoa! Hoje alcançamos o nosso rancho do dia 13 de fevereiro. Caçamos 1 jacutinga, 1 uru e 1 papagaio.

Terça-feira, 17 de fevereiro:

Agora mesmo estamos chegando, completamente exaustos, no nosso rancho do dia 11 de fevereiro; certamente já deveríamos ter pousado

antes, porém a rápida diminuição da provisão de nossos mantimentos, obrigam-nos à marchas forçadas. Para nós foi um grande infortúnio, termos perdido, pela malvada imprudência dos brasileiros, 4 quartas de feijão! Farinha só, não dá forças, principalmente, quando se é obrigado a economizá-la ao máximo, como nós assim estamos fazendo. *Amanhã teremos que alcançar a nossa canoa!* O rio subiu de tal forma que não nos é possível andar sobre as pedras nas margens do rio, terei, portanto, o quanto antes, subir ao divisor das águas e ir direto em direção à nossa canoa. Às trovoadas de ontem seguiu-se chuva, que continuou até às 10 horas de hoje, no momento o tempo está melhor. Caçamos 2 jacupembas. Pelas nossas roupagens, temos a aparência de bandidos, as calças não têm mais pernas, as camisas estão sem mangas, os sapatos já não têm mais qualquer semelhança com calçados e os espinhos, que infelizmente há em superabundância, podem esfarrapar a nossa pele a seu bel-prazer.

Quarta-fera, 18 de fevereiro:

Afinal, chegamos felizmente à nossa canoa! Mas também estava mesmo na hora; amanhã ninguém mais de nós poderia vencer uma caminhada desta; também eu, não tanto por causa de minhas pernas, que de todos ainda as tem as mais fortes, mas devido aos diversos abscessos, cujo número aumenta mais de dia em dia. O que mais me incomoda, é um na espinha dorsal, justamente onde a cinta da calça me aperta, e o outro debaixo do braço direito, eu mal posso ficar deitado, de tanta dor, muito menos caminhar. Além disso todos nós estamos sofrendo de prisão de ventre. — Até aos dois ribeirões, anteriormente mencionados, seguimos por nossa picada, depois subimos ao divisor das águas e seguimos este em direção N. L. e chegamos afinal ao nosso rancho da canoa, O divisor das águas é formado por um platô bonito e corre em direção horizontal, com leve declive para a bifurcação do rio. Acredito, com plena convicção, que o mesmo, em sua direção ao Oeste, terminará n'um sopé da serra e ser assim, sobre o seu platô, *o único e melhor terreno* para ser utilizado, racionalmente, para a construção, de uma estrada.

Neste caso deveria-se utilizar a margem direita do Rio Itajaí, até à sua primeira bifurcação e aqui, aproveitando as grandes ilhas na desembocadura do Rio do Sul, lançar uma ponte sobre o mesmo. — O morro que escalamos no dia 15 deste mês é muito alto e tem seguramente a altura da Serra de Lages. A idéia de se aproveitar a divisão do braço do sul para a construção da via principal, é inexequível por vários motivos. O mesmo, a meu ver, *não vem* da Serra. Ele desemboca no Rio do Sul *no mínimo* umas 8-9 léguas ao sul da latitude da Colônia. A construção de uma estrada às margens do Rio do Sul até a sua bifurcação é *muito dispendiosa* e trabalhosa, devido as constantes mudanças das fortes subidas e declives.

O caminho, por nós explorado, faria um acentuado ângulo agudo, já que o rio, até a sua foz, quase sempre tem direção sul, o Braço do Norte, porém, após decurso de curto trecho N. O., passa então só para Norte. Mas, porque então o caminho não poderia seguir o divisor das águas, entre ambos os braços que se dirigem em direção opostas? — Caçamos 2 jacutingas, 1 macuco, 1 uru e mais 1 pássaro. O traço horizontal que se avista do morro dos coqueiros, em direção N. NO, não pode pertencer à

serra, porquanto que a distância do mesmo da Colônia, importa em 20 léguas na direção O; portanto 30 léguas na direção NNO (pelo menos aproximadamente). A Serra, a calcular pela estrada que por ela corre de Lages a Curitiba, e consoante minhas observações feitas há dias, segue do Sul para o Norte, com uma insignificante variação para Leste. — Duvido, porém, que alguém tenha condições de, postado num morro de apenas 400 palmos de altura, e, em *péssimo terreno*, ver mais longe do que 20 léguas. A pretensa serra nada mais é do que o altiplano do divisor das águas entre o Rio Itapocu e o Braço do Norte, os quais conjuntamente excluem o *Rio Benedito que não chega às encostas da serra*. — Medições posteriores devem confirmar esta minha afirmação. — Acima eu fiz menção que a divisão do Braço do Sul, vinda de N. O., não cruza o caminho, sem entretanto motivá-la. — 1º) O braço que vem do NO, só pode ser igual à metade do braço que vem de Lages; mas o Braço do Sul, supera em tamanho e volume d'água o Braço do Oeste, por nós seguido outrora. — 2º) O rio, que na Província de São Paulo cruza a estrada da serra em direção a Leste, está situado, na direção de N. a S., no mínimo umas 15 léguas mais ao Norte do que a *Colônia de Blumenau* (pois se eu não me engano, a Província de São Paulo forma o limite norte da Província de Santa Catarina), portanto muito além a Norte, para poder ser idêntico a um rio, que muito mais ao Sul da Colônia de Blumenau e, *com águas mansas e claras* na sua barra, corre já perto da serra. O rio que cruza a estrada, ou é o Rio do Norte seguido por nós, ou então o Rio Itapocu.

Quinta-feira, 19 de fevereiro:

Hoje de manhã iniciamos a nossa viagem de retorno por canoa, mas não pudemos avançar muito ligeiro, porque nas toupavas, que tínhamos que passar, haviam fortes correntezas. Pelas 9 horas a canoa virou numa toupava, mas conseguimos salvar quase todos os nossos pertences, porque os mesmos, em sua maior parte, estavam amarrados, perdemos apenas algumas miudezas. A noite passaremos, sem rancho, sobre rochedos nos imediações do rancho do dia 18 de janeiro.

Sexta-feira, 20 de fevereiro:

Hoje conseguimos vencer um bom trecho, já que pudemos navegar por todas toupavas, sem desembarcar da canoa. Avançamos um bom pedaço no Rio Morto e tentaremos alcançar amanhã o Rio do Testo. Bichels estava hoje tão doente que mal pode se manter em pé, tivemos sorte em poder ter trazido ele até a canoa. Caçamos 3 jacutingas, 2 jacus- açus, 1 tucano. À noite trovoada com chuva, que continuou toda a noite.

Sábado, 21 de fevereiro:

Às cinco horas da tarde chegamos sem acidentes no Salto, depois de termo-nos restaurado razoavelmente em casa do senhor Meuche no Rio Benedito. (?) (Observ.: Deve ser no Rio do Testo, vide relato de 15/1). Na mesma noite ainda fui até à Garcia.

x x x

Aqui termina o relato do engenheiro Dr. Emilio Odebrecht, referente à sua primeira expedição em direção à serra nas cabeceiras dos rios que formam o Rio Itajaí-açu. — Durou esta expedição justamente 39 dias, dos quais 16 foram gastos na excursão que, por engano, fizeram ao longo do Rio Hercílio (11 dias rio acima, de 21-31 de janeiro e 5 dias de regresso, de 1-5 de fevereiro). Na excursão programada, gastaram de Blumenau até ao Salto do Pilão justamente 12 dias (8 dias de canoa e mais 4 a pé) e mais, além do Salto do Pilão, 3 dias a pé, sendo obrigados a regressar, sem terem chegado ao pé da serra, por esgotamento e doença do pessoal e por falta de provisões de alimentos.

Mas as experiências colhidas durante esta expedição e caminhadas por terrenos inexplorados, serviram não só para a obtenção de uma melhor noção da formação e o conhecimento geográfico do território explorado por esta expedição, mas também como valiosa indicação e uso nas muitas outras que se seguiram na proporção que a Colônia do Doutor Blumenau se desenvolvia e expandia para o interior e alto vale do Rio Itajaí-açu e seus afluentes.

GENEALOGIA

— JEAN R. RUL —

Patrônimos

A base de uma genealogia é o nome da família, transmitido de pai para filho. O termo usado para designar o nome ou sobrenome de uma pessoa ou família é "Patrônimo". É usada também a designação "Apelido", porém vamos nos manter a Patrônimo, para evitar confusões. Nas pesquisas sobre os ascendentes ou descendentes de alguém, o fio da meada será sempre o patrônimo, pois é este que será procurado nos documentos, índices, registros civis, paroquiais ou outros.

Mas, o patrônimo, tal como o conhecemos, não existe desde sempre e, na História da Humanidade' ele só aparece em uma época relativamente recente.

A história dos patrônimos pode ser dividida em dois capítulos, um para as famílias nobres e o outro para os plebeus.

Em redor do século XI de nossa era, os nobres, que antes usavam apenas o prenome e um apelido, começaram a usar 3 nomes: o prenome, um apelido e o nome da terra que possuíam. A partir do século seguinte este hábito passou a generalizar-se, porém, mais tarde, o apelido foi abandonado. O nome da terra, em que tinham seu castelo, herdada do pai e legada ao filho, tornou-se assim patrônimo, sendo este o motivo dos nobres terem nomes que quase sempre correspondem a localidades ou regiões.

O plebeu ficou muito tempo usando apenas o prenome, recebido no batismo e a identificação complementar "filho de" seguido do prenome do pai, ao qual juntava-se frequentemente um apelido relacionado com seu ofício, com o lugar de sua origem ou moradia, ou com uma particularidade física ou moral. Este apelido dado ao plebeu somente virou patrônimo quando se tornou hereditário e isto deve ter ocorrido entre os séculos XII e XIV.

Os patrônimos, na Europa em geral, têm sua raiz em quatro particularidades básicas:

1. - derivados de prenomes;
2. - indicando um ofício ou profissão;
3. - relacionados com uma localização;
4. - uma qualidade ou defeito físico ou moral.

A proporção de cada uma das particularidades varia bastante de um idioma para outro. Vemos assim que nos países nórdicos, de língua escandinava, a maioria dos nomes parece derivar de prenomes, o que também se verifica em boa parte dos nomes anglo-saxões e holandeses. Nestes patrônimos os sufixos "SEN" e "SON" significam "filho de". Alguns têm o SEN ou SON apenas subentendido como no caso de Peters, em que o "s" significa "de", portanto, filho, subentendido, de Peter.

Na França e nos países de língua francesa, tal não ocorre pois a estrutura do próprio idioma não permitiria o uso de um sufixo nem prefixo para designar a filiação. Entretanto, existem nos países de língua francesa uma grande quantidade de patrônimos são apenas um prenome.

Também nos patrônimos franceses será encontrada a maior variedade de nomes derivados de qualidades ou defeitos físicos ou morais e para citar somente alguns: Legrand, Petit, Legros, Lenoir, Leblanc, Leroux, Lebègue, Lebeau, Lebon, Boiteux, Vilain, etc.

Antes do século XII, portanto o plebeu que exercia algum ofício era identificado por um apelido correspondente a este ofício. Tomaremos como exemplo Hans Schmidt, alemão, Jan Smits, holandês ou John Smith, inglês. Ele tinha tal apelido porque exercia realmente o ofício de ferreiro. Ora, como na Idade Média, os ofícios eram geralmente transmitidas de pai para filho, o apelido os acompanhava evidentemente. Porém, chegou um momento em que um dos descendentes, tendo abandonado o ofício do pai, passou a dedicar-se a outra atividade, porém seu apelido já era tão enraizado que continuaram a chamá-lo de Schmidt, Smits ou Smith, que então passou a ser patrônimo.

Com os nomes derivados de particularidades físicas ocorreu a mesma coisa. O alemão Klein, ou francês Petit, teve sem dúvida um antepassado de pequena estatura, a quem deram o apelido de "pequeno". Pela hereditariedade é provável que filhos e netos não ultrapassaram o tamanho do antepassado, porém, pelas alianças com esposas talvez maiores, no correr das gerações podem os descendentes ter alcançado altura

normal ou mesmo acima desta, entretanto, o apelido ficou e o patrônimo foi criado.

Os patrônimos derivados de prenomes têm uma origem mais simples ainda, pelo fato que o mesmo prenome era geralmente transmitido de pai para filho o que na sucessão dava a várias gerações seguidas o apelido de John Johnson, Peter Peters(sohn), Jens Jensen, Adriaen Adriaensen, etc.

Quanto aqueles derivados de localizações sua origem é óbvia, pois designava o cidadão que vinha de outra aldeia, morava perto da ponte, no vale, no morro, ou em qualquer sítio que o identificava sem possibilidade de erro.

Assim se explica portanto o início do uso do patrônimo, porém não existem documentos que permitem precisar o ano nem o século exato em que se deu início ao uso, já que era decorrente de uma tradição. Sem dúvida, um burguês abastado adotou patrônimo muito antes do operário pobre. Entretanto, baseado em estudos é geralmente admitido que o patrônimo se tornou imutável entre os séculos XII e XIV.

Os patrônimos de origem ibérica — luso-espanhola — apesar de estarem também, em parte, derivados das mesmas particularidades verificadas nos outros países europeus, apresentam ainda um certo número de variantes com uma origem diferente. Esta 5ª particularidade na etimologia dos patrônimos será analisada em uma próxima oportunidade.

No Brasil deparamos com uma prática curiosa, que foge às normas em vigor há muitos séculos na Europa, inicialmente por tradição e há quase dois séculos regulamentada por lei: a não transmissão do patrônimo de pai para filho, ou melhor, o filho adotando o patrônimo da mãe em vez daquele do pai.

Em outros casos, adotando qualquer patrônimo sem relação alguma com os nomes dos pais.

Em uma única genealogia encontramos vários casos destes tipos, dos quais citaremos apenas três diferentes:

1. — *adoção do patrônimo da mãe*: Jacintho Xavier Neves, nascido cerca 1810, é filho de Francisco dos Santos Pinheiro e de sua mulher Anna Maria das Neves. Não era portanto nenhum filho natural.
2. — *inversão de patrônimos*: José Machado de Oliveira, nascido cerca 1810, é filho de Basilio José Machado e de Maria Ferreira de Oliveira. O nome correto do filho seria José de Oliveira Machado.
3. — *patrônimo diverso*: Manoel Gonçalves Cordeiro, nascido cerca 1840, filho de Jacintho Xavier Neves e de sua mulher Anna Luiza de Oliveira.

Estas ocorrências dificultam, sem dúvida, a reconstituição de genealogias de famílias brasileiras, pois aqui nem sempre o patrônimo será o fio da meada, como afirmávamos no início deste artigo.

PEQUENA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE BLUMENAU — 1850-1883

Dr. Paulo Malta Ferraz

(Continuação do número anterior)

Ao se encerrar esse exercício, a Colônia contava com 6 escolas na sede e 19 disseminadas pelas diversas linhas coloniais. Dessas escolas particulares, que eram mantidas por sociedades formadas pelos colonos, 18 receberam do Governo o auxílio de 400\$000, para construção das respectivas casas. A partir de Fevereiro de 1875, as escolas particulares, que tinham frequência média de pelo menos 15 alunos, passaram a receber do Ministério da Agricultura o subsídio de 15\$000 mensais (104).

Quanto ao ensino da língua vernácula aos habitantes da Colônia, em seu relatório de 1876, o dr. Blumenau discorre tão judiciosamente, que merecem reproduzidas as suas palavras:

“A instrução na lingua nacional deo-se no mesmo regulamento a importancia não somente devida e conveniente, mas também perfeitamente reconhecida por todo e qualquer colono algum tanto intelligente, como um elemento essencialissimo para a futura prosperidade de seus filhos em este vasto paiz.

Não passando de gracejo de máo gosto, de parvoice ou acinte as insinuações ou accusações, de que os habitantes allemães d'esta Colonia se obstinassem em não aprenderem nem aos seus filhos fazerem aprender a lingua do mesmo paiz, ou ainda sendo ellas a filha do mais completo desconhecimento das circumstancias locais e difficuldades existentes, muito ao contrario todos sentem a cada dia e passo os graves inconvenientes, incomodos e palpaveis prejuizos, que a ignorancia da lingua do paiz causa a elles mesmos e ao futuro dos seus filhos. Mas como remediar, e com brevidade o mal, quando n'uma população de mais de dez mil almas, disseminada sobre vasta superficie, existem apenas duas aulas publicas, não parecendo permittir as leis e finanças da provincia a criação de numero maior e mais correspondente? Quando não existe seminario ou escola normal para os próprios filhos do paiz ou da provincia e muito menos para os de paizes estrangeiros, que pretendem aprender a lingua vernacula, para em seguida poderem ensinál-a aos seus discipulos na lingua, que estes entendem? Quando enfim, já é bem difficil, encontrar pessoas, mediocremente idoneas para uma instrução rudimentar na sua lingua propria e materna e que se queiram prestar a tal tarefa por um salario em regra geral miseravel?” (n. 105).

Os trabalhos de medição e demarcação de terras prosseguiram já agora em harmonia com a diretoria da Colônia, que encontrou plena compreensão da parte do novo chefe da Comissão de Engenheiros, o dr. F. M. de Almeida Portugal. Entre as obras públicas estão em prosseguimento, cumpre destacar os trabalhos da abertura do caminho para Curitibaanos, cuja execução até Taió fora confiada à diretoria da Colônia. Nesse ano de 1876, já estavam prontos 32 dos quarenta quilômetros desse caminho, a cargo da diretoria da Colônia.

Em Setembro de 1876, chegou à Colônia o Revmo. Padre José Maria Jacobs, contratado pelo Governo Imperial para servir de capelão. Pela sua atuação destacada na vida pública colonial e pela prática constante da caridade, o padre Jacobs merece o reconhecimento do povo blumenauense, a que ele tanto amou. Foi ele o fundador do Colégio São Paulo (hoje Santo Antônio), educandário que foi e é ainda hoje um dos orgulhos do magistério catarinense, pelo elevado padrão moral e intelectual do ensino que vem administrando proveitosamente à sucessivas gerações de brasileiros, filhos deste abençoado recanto do Brasil.

A igreja matriz de Blumenau, cujo edifício fora construído às expensas do Governo Imperial, foi solenemente benza pelo Revmo. Padre José Maria Jacobs, no dia 24 de Dezembro desse ano. Foi, pois, com a missa do galo, do Natal de 1876, que se iniciou o culto divino católico na atual matriz da cidade. A festa, segundo informa Frei Estansláu Schætte, foi assás importante e contou com a presença de católicos vindos dos mais longínquos recantos da vasta paróquia (106).

1877

Decresceu a imigração para a Colônia pois no ano de 1877 apenas chegaram 368 pessoas, das quais 179 alemães, 26 poloneses, 12 suíços, 3 ingleses, 80 austríacos de língua italiana (tirolezes) e 68 italianos (107). No seu relatório referente ao ano de 1877, estranha o dr. Blumenau que se tivesse dirigido para a Colônia tão pequeno número de imigrantes, enquanto bem grande fora nesse mesmo ano a imigração européia para o Brasil. Tanto mais estranhável, acrescentava o dr. Blumenau, tal diminuição da corrente imigratória para a Colônia, porque soubera que muitos alemães e tirolezes haviam solici-

tado ao Governo Imperial auxílio de transporte para a mesma, mas não haviam sido atendidos (108).

Os serviços de distribuição de lotes de terras prosseguiram normalmente sob a direção do Chefe da Comissão de Engenheiros, dr. João Maria de Almeida Portugal. Houve, apenas, um desentendimento entre o diretor da Colônia e a Tesouraria da Fazenda que se recusou a pagar a Gustavo Labes a diária de 2\$000, fixada pelo dr. Blumenau pelos serviços de expedição dos títulos definitivos, escrituração do Registro de Títulos, composição de mapas e expediente diário da Diretoria. Não se conformou com essa decisão o dr. Blumenau e recorreu para o Ministério da Agricultura, pois, contratara os serviços de Gustavo Labes porque o próprio Chefe da Comissão lhe dissera não se incumbir de tais serviços que, pela própria natureza, exigiam os cuidados de pessoa versada em ditos assuntos.

Nesse ano, os selvagens não atacaram a Colônia, o que se devia, como não hesitava em dizer o seu diretor, “especialmente à nossa *guarda de batedores do mato* e ao zelo e atividade de seu intrépido e diligente comandante, Frederico Deeke” (109). Ainda em 1877, o esforçado capitão do mato, Frederico Deeke, conseguiu localizar um aldeamento indígena nas imediações da serra de Jaraguá. Deeke trouxe até a Colônia, não sem alguma relutância, um mameluco, que se chamava André Jeremias, a quem contratara, conforme autorização da diretoria, para servir de intérprete. Aliás, desconfiando talvez de que o intérprete, na primeira oportunidade, o abandonaria para tornar a viver entre os índios, Frederico Deeke, durante o seu convívio, com Jeremia, aprendeu o mais que pôde a língua dos botocudos.

O padre José Maria Jacobs fundou, nesse ano, o Colégio S. Paulo, hoje Santo Antônio, que tantos e tão assinalados benefícios vem prestando desde então à mocidade blumenauense.

A casa de oração evangélica, que, como a matriz católica, fora edificada com o auxílio do Governo Imperial, foi inaugurada solenemente em Setembro desse ano. Os trabalhos de abertura do caminho para Curitiba, cuja importância o dr. Blumenau não cessava de salientar, não progrediram bastante nesse exercício. Tal como em seu relatório do ano anterior, volta o dr. Blumenau a insistir junto ao Governo sobre

a possibilidade da ereção da Colônia em município, com a sua própria Câmara Legislativa (110).

Afim de intensificar e regularizar o transporte fluvial para a Colônia, um grupo de colonos constituiu, em 1877, a "Companhia de Navegação Fluvial Itajaí-Blumenau", com o capital inicial de 30:000\$000, que veio a adquirir o vapor movido por rodas laterais, denominado "Progresso", e, posteriormente, outro navio do mesmo tipo, "Blumenau".

1878

O ano de 1878 decorreu administrativamente sem abalos, nem incidentes. Os serviços a cargo da Diretoria da Colônia prosseguiram na forma costumeira. Deve-se salientar nesta oportunidade, o aumento de unidades escolares primárias. Funcionaram a partir desse ano, em todo o território colonial, 29 escolas primárias, com a frequência de 1.055 alunos, das quais duas eram mantidas pelo Governo e dezesseis subvencionadas. Verificou-se, também, um caso de varíola, de efeito letal, em um imigrante recém-chegado. Em virtude das medidas higiênicas adotadas e da vacinação então feita em grande escala, a moléstia não se alastrou sob forma epidêmica. A exportação colonial importou nesse exercício, na quantia de 396:000\$000, que bem traduz o seu desenvolvimento (111).

Fato dos mais importantes desse ano, por causa dos seus efeitos civis, foi o provimento, pela autoridade episcopal, da Freguesia de São Paulo de Blumenau, sendo efetivado como Vigário da mesma Freguesia o Revmo. Capelão Padre José Maria Jacobs. A inauguração da Freguesia verificou-se, com grande pompa eclesiástica, no dia 3 de Junho de 1878 (112).

1879

No fim de 1879, a população da Colônia era de 13.976 habitantes, dos quais 10.024 germânicos, 1.667 austríacos de língua italiana (tirolezes), 1.390 nacionais e 895 italianos.

Em virtude do aumento crescente da população colonial, instava o dr. Blumenau junto ao Governo pela criação de uma escola normal, afim de formar professores, filhos de colonos alemães e italianos, para estes poderem aprender bem a língua portuguesa e ensiná-la convenientemente às novas gera-

ções. Voltou ao exercício das funções de médico da Colônia o Dr. Francisco Valloton, que no anterior seguira para a Europa, em viagem de instrução. O Dr. Valloton fora substituído, durante a sua ausência, pelo Dr. Alfredo Koehler, que, posteriormente, passou a residir em Indaial. O hospital, apesar de pequeno e pouco aparelhado, prestava relevantes serviços à população colonial. O vapor "Progresso" chegou à Colônia, iniciando ainda nesse ano as viagens regulares entre Blumenau e Itajaí.

A Sociedade de Cultura (Kulturverein) promoveu em Agosto uma exposição de gado, produtos e artefatos coloniais, que evidenciou o notável progresso da Colônia desde a última exposição realizada em 1875. O valor total da exportação colonial foi, nesse ano, de 485:000\$000.

No relatório de 1879, insistindo na necessidade da transformação da Colônia em Município, esperava o dr. Blumenau que fosse aquele o seu último relatório aos seus superiores (113).

De 1880 - 1883

Conforme tantas vezes solicitara o dr. Blumenau, e atendendo ao notável desenvolvimento que a Colônia atingira, o Governo Provincial, pela lei nº 860, de 4 de Fevereiro de 1880, criou o Município de Blumenau, com sede na Colônia erigida em Vila e compreendendo os territórios das antigas freguesias São Pedro Apóstolo de Gaspar e São Paulo Apóstolo de Blumenau. Esse ato do Governo Provincial foi ratificado pelo Governo do Império, pelo Decreto 7.630, de 20 de Abril desse mesmo ano. Foram criados, então, uma Coletoria de Rendas Provinciais, que foi instalada em 1º de Dezembro, e um Tabelião Público Judicial, Notas, Capelas, Resíduos e Escrevão de Orfãos e Ausentes.

Como medidas precursoras da industrialização em Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann Hering fundaram nesse ano, à margem do ribeirão Bom Retiro uma pequena malharia, ponto de partida da hoje economicamente poderosa Indústria Têxtil Companhia Hering.

Iniciavam-se os trabalhos preparatórios para a instalação oficial do município, quando de 22 para 23 de Setembro desse ano chuvas copiosas provocaram uma enchente do rio

Itajaí-açu e seus afluentes, que rapidamente inundou a sede colonial, causando além da morte de onze pessoas, prejuízos imensos a todos os habitantes de Blumenau.

Em seu belo estilo tão expressivo, Aiga Deeke Barreto assim nos fala dessa terrível enchente!

“A de 1880, no entanto, pode, sem exagêro, assinalar-se como a mais catastrófica da nossa história. As chuvas duraram apenas um dia, precisamente de 22 a 23 de Setembro, e as águas subiram, num período de horas, quatorze metros e sessenta centímetros. Seu marulhar por certo imitava o das pororócas, minando o fundamento das casas, afogando o gado e levando de arrasto tudo o que encontravam à sua frente. Os que ainda de manhã criam na prosperidade, de noite, pilhados pelo imprevisto, haviam perdido o produto de seu suor, afogados em profunda depressão moral, por entre a cobertura cinzenta do céu e o turbilhão barrento das águas (114).

Tão grandes os estragos produzidos, que o Governo Central e o da Província tiveram de adiar a instalação do município. Logo em Novembro, chegava à Colônia Blumenau uma comissão de engenheiros, chefiada pelo dr. Joaquim Rodrigues Antunes, que tinha por finalidades precípuas: reconstruir as obras danificadas pela enchente, orientar a indenização dos prejuízos e fazer os preparativos para a instalação do município.

O exercício de 1881 pode dizer-se foi absorvido pelos trabalhos de reparação dos danos da enchente do ano anterior. Cumpre salientar, apenas, o aparecimento do semanário “Blumenauer Zeitung”, que tinha por diretor responsável Hermann Baumgarten. Esse jornal exerceu grande influência na política de Blumenau, tendo mantido sérias polémicas com os jornais locais o “Immigrant” e “Der Urwaldsbote”, aparecidos posteriormente.

Em 1882, surgiu grande incidente entre os colonos moradores em Warnow e a Comissão chefiada pelo dr. Antunes. Diziam-se os colonos prejudicados pelo dr. Antunes que não lhes pagava regularmente os seus salários pelos serviços de reconstrução de pontes e estradas. O incidente teria talvez consequências mais graves, se não fora a atuação enérgica do Governo Provincial, pelo seu Chefe de Polícia, que restabeleceu a ordem, com a instauração do competente inquérito e a permanência na Colônia, de um destacamento policial de 20 soldados (115). Ainda nesse ano, Johan Karsten e Gustavo

Roeder, técnico têxtil, ambos imigrantes alemães, fundaram uma pequena tecelagem, que foi o começo da atual Companhia Têxtil Karsten.

Logo ao se iniciar o exercício de 1882, foram o dr. Blumenau e mais membros da Diretoria da Colônia dispensados de suas funções. O fundador da Colônia, porém, ainda se demorou aqui até 15 de Agosto de 1884, quando, a bordo do "Progresso", deixou para sempre este núcleo de civilização, que com o sacrifício dos melhores anos de sua vida, fizera surgir à orla do Itajaí-açu.

À vespera de sua partida, ao agradecer as homenagens de despedida da população local, o dr. Hermann Blumenau começou o seu pequeno discurso assim: "Quando os amigos se separam, eles dizem: até outra vez" (116). Essas palavras do dr. Blumenau fazem presumir que não foi sua intenção permanecer definitivamente na Alemanha, o que, por certo, veio a se dar por motivos supervenientes.

Em Julho de 1882, verificaram-se as eleições para composição da primeira Câmara Municipal de Blumenau, que ficou constituída pelas seguintes pessoas: José Henrique Flores Filho, José Joaquim Gomes, Luis Sachtleben, Jacob Zimmermann, Frederico Salvio de Medeiros, Otto Stutzer e Henrique Watson. Aos 10 de Janeiro de 1883, afinal, foi instalado oficialmente o Município de Blumenau, sendo a sessão solene de posse dos vereadores presidida por Luis Fortunato Mendes, presidente da Câmara de Itajaí, e secretariada por Luis Vitorino da Silva. José Flores Filho foi escolhido por seus pares para presidir a Câmara e, portanto, governar o Município. Para os serviços de administração, a Câmara nomeou Avé-Lallemant procurador, Guido von Sechendorff secretário e Otto Wehmuth, fiscal.

x x x

Encerrou-se, pois, aos 10 de Janeiro de 1883, a vida da Colônia Imperial de Blumenau. É inegável que bem merecida era a sua elevação à categoria de Município. Para melhor compreensão do surpreendente desenvolvimento da Colônia nesses 23 anos de sua existência, é bastante notar que a humilde e pequenina colônia de 1860, de apenas 967 moradores, se transformara em um núcleo de 16.380 habitantes. A colonização se estendera seguindo os cursos do Itajaí e seus afluentes, até Aquidaban (hoje Apiúna) e Subida, na direção sul e

até alto do rio Cedros, para o oeste, fazendo surgir inúmeras povoações, como sejam: Indaial, Timbó, Cedros, Carijós, Rodeio, Warnow, Badenfurt, Ascurra, etc. Contavam-se no novo município: 150 engenhos de açúcar, 152 engenhos de farinha de mandioca, 6 descascadores de arroz, 29 moinhos de fubá, 38 engenhos de serrar, 12 olarias, 3 fábricas de louça de barro, 2 fábricas de tecidos de algodão, 8 cervejarias, 4 fábricas de vinho e vinagre, 10 padarias, 4 açougues, 2 fábricas de sabão, 1 litografia e tipografia, 32 casas de secos e molhados e 12 hotéis (117).

Com a sua ereção em município autônomo, maior e mais célebre se tornou o progresso de Blumenau. Às primitivas correntes imigratórias alemã, tirolesa e italiana, seguiram-se outras como a polonesa e a russa, se bem que ambas em pequena escala, mas que concorreram pelo trabalho dos colonos e seus descendentes para a maior prosperidade do município.

O surto de industrialização que começara com a instalação de teares manuais de Hermann e Bruno Hering, não cessou de se desenvolver. Hoje ainda Blumenau é o mais industrializado dos municípios de Santa Catarina. Justo será, pois, louvar-se a iniciativa e a abnegação esplêndida do dr. Hermann Blumenau e a colaboração de todos aqueles que, humildes ou poderosos, ricos ou pobres, alemães, austríacos, italianos, poloneses, russos ou brasileiros, contribuíram pelo trabalho honesto para a grandeza sempre crescente dessa parcela deslumbrante de fecundidade e beleza da terra brasileira.

CAPÍTULO VI

A Contribuição do Governo e do Elemento Nacional na Colonização de Blumenau

Quando se estuda a história de Blumenau, não se salienta, em regra, a importância da contribuição do Governo e do elemento nacional para o êxito da colonização. De fato, quem quer que se debruce sobre o passado blumenauense, há de reconhecer quão generosa, eficiente e indispensável foi essa contribuição. Pode-se, afirmar, sem receio de contradita, que se não fora essa cooperação estreita e benéfica entre o poder público, o elemento nacional e os imigrantes teutos que se radicaram nas margens do Itajaí-açu, a colônia malograra-se-ia ou teria o destino inglório e medíocre de tantos outros núcleos co-

loniais espalhados pelo *interland* brasileiro, apesar dos esforços, da tenacidade, do idealismo e da abnegação de seu imortal fundador. É que a conquista para a civilização desse trecho do território nacional, — verdadeira tarefa de heroísmo e abnegação, — exigia para seu pleno êxito o esforço comum de todos os interessados e o imprescindível apoio econômico-financeiro do governo.

Para fundar o seu estabelecimento colonial, em 1850, o dr. Hermann Blumenau empregou toda a sua fortuna pessoal, de cerca de vinte e cinco contos de réis (118). Mas, logo no ano de 1851, de tal maneira se exasperou a situação financeira da novel colônia, que o dr. Blumenau teve de recorrer ao Governo Imperial, solicitando um empréstimo de dez contos de réis, sendo logo atendido. Poucos anos após, em 1855, o fundador da colônia, para fazer face aos encargos administrativos, cada vez maiores, foi forçado a contrair novo empréstimo ao mesmo Governo, que lhe concedeu sem juros, oitenta e cinco contos de réis, sendo vinte e cinco contos no primeiro ano e dez contos por ano, nos seis seguintes. Por esse contrato de financiamento, o governo central obrigou-se, ainda, a conceder durante sete anos, a verba de oitocentos mil réis anuais para pagamento do ordenado de um ministro protestante. Demais, o governo concedia também a quantia de dez contos de réis para a aquisição dos terrenos juntos ao porto do rio e construção de uma ponte de desembarque. O governo oferecia, outrossim, a quantia de trinta e dois contos para a construção de um caminho que ligasse o Vale do Itajaí ao planalto. Esse empréstimo, cuja garantia foi a hipotéca do sítio do dr. Blumenau, situado na Velha, seria pago, em parte, pelas indenizações a serem conferidas ao dr. Blumenau pelos imigrantes que ele localizasse na colônia, nas bases seguintes: vinte mil réis por individuo de 5 a 10 anos e de trinta mil réis, quando o imigrante era maior de 10 e menor de 45 anos de idade (119).

Como se vê, grande e valioso foi o auxílio governamental à colônia de Blumenau, ainda quando era apenas uma empresa particular de seu fundador. Aliás, explica-se sem esforço esse carinho do Governo Central pela colonização do Vale do Itajaí. Antes de vir estabelecer-se em Santa Catarina, o dr. Blumenau, na qualidade de representante da Sociedade de Proteção aos Emigrantes Alemães no Brasil, entrara em contacto com o imperador brasileiro, de quem se tornou respei-

toso admirador e amigo. É sabido, também, que uma das constantes preocupações de Pedro II foi a questão de imigração européia para o Brasil, pois, contrário por índole ao trabalho escravo, que cedo ou tarde seria extinto, via na imigração de trabalhadores livres europeus a solução melhor para o povoamento e colonização de nosso imenso território. Daí, o interesse que sempre dedicou ao assunto da imigração européia e que o preocupou até mesmo após a sua deposição do trono. Bem expressivo desta sua preocupação é o seguinte trecho de uma carta ao seu leal amigo, Vinconde de Taunay, escrita quando já à beira do túmulo, sofria o amargo exílio: "Escreva-me sempre dando-me notícias de tudo que saiba interessar-me, sobretudo do que de qualquer modo se refira à colonização" (120).

Graças ao constante auxílio de D. Pedro II, pôde o dr. Hermann Blumenau promover satisfatoriamente o progresso de sua colônia. Cedo, porém, compreendeu que a tarefa de colonizar este recanto adorável da terra brasileira exigia, além de sua dedicação e capacidade de trabalho, o amparo do poder público.

Em 1859, a novel colônia já atingira um grau de desenvolvimento digno de louvor, mas, concomitantemente, cresciam os encargos administrativos cuja despesa ultrapassava a própria renda colonial. O fundador da colônia foi obrigado a reconhecer que não podia cumprir as obrigações que assumira pelo contrato de financiamento de 1855. Resolveu, então, o dr. Blumenau ceder a sua colônia ao Império, o que constituía uma certeza do florescimento de sua arrojada iniciativa. Para esse fim, ainda em 1859, foi ao Rio de Janeiro conferenciar com as autoridades e com o imperador. Com o apoio e a confiança que lhe dispensava Pedro II, o dr. Blumenau foi bem sucedido na sua missão, pois, aos 13 de Janeiro de 1860, firmou na Repartição Geral das Terras Públicas, no Rio de Janeiro, o termo de cessão da colônia ao Governo Imperial. O preço total da cessão foi de cento e vinte e cinco contos, do qual seria descontada a quantia de oitenta e cinco contos de réis, que o governo lhe adiantara nos anos anteriores. Pelo referido contrato de cessão, ficava o dr. Blumenau, a título efetivo, no exercício das funções de diretor da nova colônia imperial. Esta circunstância, que foi, aliás, um dos fatores do progresso da comuna blumenauense, bem revela o quanto Pedro II reconhecia e admirava os méritos do imortal colonizador.

O dia 13 de Janeiro de 1860 marca, portanto, o início de um período áureo do seu desenvolvimento, porque só então, com os amplos recursos do erário público, pôde o dr. Blumenau ir avante nos seus elevados propósitos e assegurar à Colônia invejável e incessante progresso.

Para que se possa melhor compreender o que representou para o desenvolvimento de Blumenau a sua ereção em colônia imperial, é bastante assinalar que de 1860 até 1882, a Coroa aqui dispendeu a soma bastante vultosa para a época, de Rs. 2.467:995\$433 (dois mil, quatrocentos e sessenta e sete contos, novecentos e noventa e cinco mil, quatrocentos e trinta e três réis (121).

Resta assinalar que, além do apoio financeiro do Governo Imperial, a Colônia contou sempre com o amparo do Governo da Província de Santa Catarina, através da manutenção dos diversos serviços públicos, como os de policiamento da colônia, defesa contra os índios, escolas públicas primárias, etc., etc.

É inegável, portanto, que a colonização desta gleba da pátria brasileira muito deve de seu êxito à contribuição ao poder público.

Mas, a colaboração nacional na colonização deste formoso recanto da terra catarinense, não se fez apenas através dos auxílios financeiros que lhe prestaram os órgãos governamentais imperial e provincial. Justo é reconhecer que igualmente muito concorreu para o engrandecimento da colônia, a ajuda do elemento humano nacional, que, visando o bem da pátria comum, uniu os seus esforços aos dos abnegados pioneiros da civilização no Vale do Itajaí.

Pode-se indicar, cronologicamente, como o primeiro colaborador do dr. Blumenau, o destemeroso caboclo Ângelo Dias, que lhe guiou os primeiros passos através o vale do Itajaí. Desde então, a colaboração do elemento patricio se fez sentir, cada vez mais generosa e importante.

Mesmo antes da fundação da colônia, quando Fernando Hackradt encetou os trabalhos preliminares do desbravamento da foz do Velha, fê-lo com a cooperação dos nossos impávidos caboclos, oriundos alguns de Gaspar e Itajaí, outros, das clareiras abertas nas matas, aqui e além ao longo dos cursos do Itajaí, do Garcia e do Velha. Tanto assim que, no livro

denominado "Contas dos Diversos" em que relacionou as contas de seus trabalhadores e fornecedores, Fernando Hackradt, entre as indicações de seus fornecedores teutos já então estabelecidos em Itajaí, Ilhota e Gaspar, como Pedro Müller, Frederico Guilherme Schramm e Pedro Wagner, acrescenta os nomes de seus trabalhadores tipicamente brasileiros, como sejam: Marcelino Dias, Júlio João Martins, Antônio Joaquim dos Santos, Inácio Dias, Adolfo Guerra, etc... etc... (122). Antes e desde os primeiros dias da vida da Colônia, não foram poucos os trabalhadores brasileiros, advindos das regiões circunvizinhas. O bairro do Garcia, como é sabido, deve o seu nome exatamente ao fato de ter sido inicialmente povoado por antigos moradores de Camboriú, então vulgarmente chamado "Garcia", que atraídos pela melhor qualidade das terras, ali se estabeleceram muito antes da chegada dos primeiros colonos alemães.

Nos trabalhos preliminares do desbravamento da região, quase sempre esteve presente, orientando os colonos com o seu melhor conhecimento da zona e dos segredos das selvas, o braço do trabalhador nacional. A defesa da Colônia contra os insidiosos ataques dos índios, também, foi tarefa primordial dos intrépidos brasileiros componentes da milícia provincial.

Com a cessão da colônia ao governo imperial, como era de se esperar, maior se tornou essa cooperação do elemento nacional. A corrente imigratória, interna, desde então, deixou de se constituir de anônimos trabalhadores braçais e soldados da polícia provincial. Em consequência da instalação da Junta Colonial, das Comissões de Medição de Terras e outros serviços públicos, para aqui acorreram homens de mais elevado nível intelectual, professores, engenheiros, funcionários públicos, que deram à Colônia a inestimável cooperação do trabalho intelectual, honesto e profícuo.

Resta, afinal salientar que também entre eminentes homens públicos brasileiros, o dr. Hermann Blumenau encontrou decidido auxílio moral e material para o seu empreendimento. Claro está, entre esses, logo sobressai a figura inconfundível de Pedro II pela proteção que dispensou à pequena Colônia que o idealismo de Hermann Blumenau fizera surgir às margens do Itajaí-açu.

Seria injustiça omitir, neste ensejo, os nomes dos presidentes da então Província de Santa Catarina, que maior interesse demonstraram pela colônia.

Relembre-se, de início, o Marechal Antero José Ferreira de Brito, que em face da recusa da Assembléia Provincial de 1848 à proposta feita pelo dr. Blumenau em nome da Sociedade de Proteção aos Emigrantes Alemães, para colonizar este trecho do Vale do Itajaí não hesitou em conceder à firma Blumenau & Hackradt permissão para demarcar e medir dois distritos da colônia, à margem direita do Itajaí-açu.

Entre os que governaram a Província de Santa Catarina se algum houve que não se interessou pela sorte da Colônia, como o dr. João José Coutinho (presidente de 1850 a 1859), por ser, como se queixava o dr. Blumenau ao Governo Central, "avesso à imigração alemã em geral especialmente quando for protestante" (123), muitos outros, ao contrário, prestaram à colônia e ao seu diretor franco e decidido apoio. Entre os últimos, devem citar-se os seguintes: dr. Inácio da Cunha Galvão, Presidente da Província em 1861; dr. Adolfo de Barros Cavalcanti, Presidente nos exercícios de 1865 a 1867, que visitou a Colônia em 13 de Fevereiro de 1867; Manuel do Nascimento da Fonseca Galvão, Vice-Presidente em exercício da presidência em 1870, e que visitou Blumenau, acompanhado de luzida comitiva, em 3 de Agosto daquele ano; dr. José Bento de Araujo, que governou em 1877 e também visitou demoradamente a Colônia: enfim, o Vinconde Alfredo d'Escragnolle Taunay, que presidiu a Província também em 1877 (124).

Merece especial referência a atuação do Visconde de Taunay em favor de Blumenau. Convencido dos reais benefícios da colonização do *hinterland* brasileiro por imigrantes europeus, quando presidia Santa Catarina, Taunay sugeriu ao Governo Imperial a criação de novos núcleos coloniais no vale do Tubarão e ajudou quanto pôde o desenvolvimento das colônias teutas, já então florescentes. Mesmo longe de Santa Catarina, Taunay não esqueceu a bela e progressista Colônia do Itajaí-açu, que visitara durante o seu período de governo. Assim, quando em 1882, houve incidentes desagradáveis entre os colonos blumenauenses e a comissão dirigida pelo engenheiro Joaquim Rodrigues Antunes, que viera encarregado de orientar os serviços de reconstrução das obras danificadas pela enchente de 1880, e preparar a instalação do município, no Senado, o Visconde de Taunay ergueu a sua voz em favor dos blumenauenses, exprobando o Governo pela dispensa do dr. Blumenau da direção da Colônia (125). Mais tarde, em 31 de Maio

de 1899, tendo notícias de um êxodo dos moradores de Blumenau de novo o Visconde de Taunay se levantou em defesa do nosso município, clamando por providências adequadas. Em seu diário íntimo, naquela data, deixou transparecer o seu amor à gente e às causas de Blumenau, quando escreveu essa singela anotação: "Fiz um discurso no Senado, quente e vibrante, sobre gente que se retirava de Blumenau" (126).

Não há negar, pois, que na colonização de Blumenau, uniram-se, em íntimo e harmonioso consórcio, ao idealismo e à tenacidade de Hermann Blumenau, à capacidade de trabalho e ao espírito de sacrifício dos colonos, o imprescindível auxílio financeiro do poder público e o contingente precioso do trabalho e da inteligência da gente brasileira.

CAPÍTULO VII

Aspectos Da Vida Social Na Colônia

O progresso de Blumenau durante os anos em que foi colônia imperial, acarretou muito naturalmente modificações em vários aspectos de sua vida social. Já então, não eram as festas da "Schützengesellschaft Blumenau" (Sociedade de Atiradores Blumenau) as únicas formas de recreação pública. Não resta dúvida, entretanto, que por muitos anos ainda, as festas dos Atiradores foram as mais concorridas e populares.

Ao lado das associações de atiradores que foram surgindo nas linhas coloniais, apareceram, em breve, as sociedades de cantores, outro traço bem típico da cultura recreativa germânica. Tanto assim que, já em Agosto de 1863, os srs. Victor Gaertner, Ed. Böttger, G. Benz, S. Riemener, Ehrhardt e Grahl fundavam o "Gesangverein Germania" (Sociedade de Cantores "Germânia"), e, em 1º de Outubro do mesmo ano, outros moradores de Blumenau organizaram o "Freundschaftsverein" (Sociedade de Amigos). Ambas essas associações, que cultivavam de preferência o canto orfeônico, emprestaram por muitos anos maior brilho e real atrativo à vida social da Colônia, pois, de quando em quando, davam belos recitais em que eram executados escolhidos números de música vocal. O "Gesangverein Germania", por exemplo, para comemorar o décimo aniversário de sua fundação, apresentou um espetáculo em que foram executados oito números de cantos com músicas de F. Abt, H. Schaeffer, Mendelsohn e Bartholdy. Nessa

festa, foram cantados por harmonioso coro, o hino religioso de autoria de R. Müller, intitulado "Es ist bestimmat in Gottes Rat" (isto é providenciado por Deus), bem como as célebres variações para flauta, de Meyerbeer, sobre o tema "Mich fliehen alle Freuden" (os prazeres fogem de mim). Para os moradores de Blumenau de então, devem ter sido motivos de prazer indizível as audições de números tão seletos de canto coral, especialmente quando o coro entoava os velhos e melodiosos "Lieder," que de tão perto falavam à alma enternecida e saudosa dos colonos.

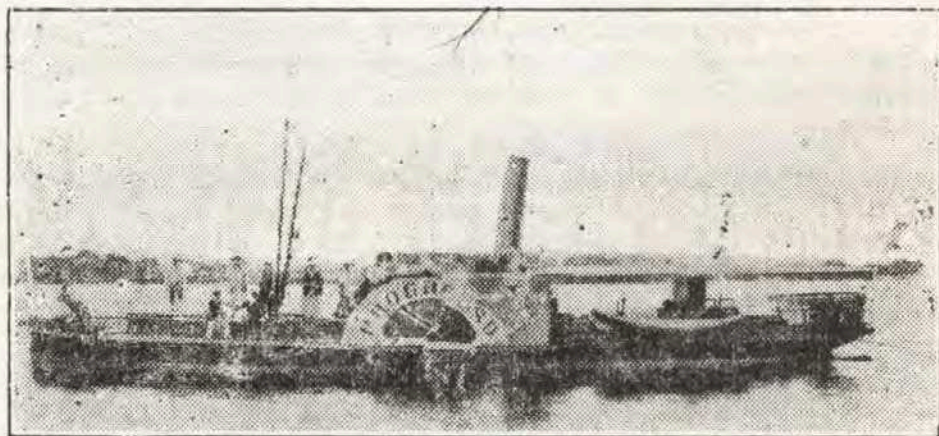
A representação teatral por amadores, logo também se organizou em Blumenau. A princípio, o grupo de amadores fazia suas representações na própria sede da "Schützen-gesellschaft Blumenau" (Sociedade de Atiradores de Blumenau), tanto que em 1870, foi construído um pequeno palco ao lado da sede primitiva daquela Sociedade. Rara foi, desde então, a festa da Sociedade de Atiradores, em cujo programa não se incluísse a representação de uma peça teatral. O grupo de amadores de teatro não era pequeno e contava com o apoio das personalidades mais eminentes da Colônia. Prova evidente do carinho que se dispensava ao grupo teatral, foi a facilidade com que foram subscritas as ações no valor de \$500 cada, emitidas em 1872, para a construção de um vestiário e melhoramentos do palco existente. Entre os subscritores das referidas ações, destacavam-se, pela sua importância na sociedade colonial, as seguintes pessoas: dr. Hermann Blumenau, Wilhelm Friedenreich, sra. Charlotte Kegel, Luis Altenburg, Avé-Lalle-mant, Odebrech, dr. W. Eberhardt, C. Rischbieter, dr. Fritz Müller, B. Scheidemantel, Spierling e senhora, Mayer e senhora, Hans Breithaupt e Heinrich Probst. Esse grupo teatral que, em 1885, veio a constituir a "Sociedade Teatral Frohsinn" (127), era composto de elementos das mais respeitáveis e destacadas famílias locais, como sejam: Sra. Roese Gaertner, Sra. Mayer, Sra. Gloeden, Sra. Clara Breithaupt, Sra. Marie Breithaupt, Sra. Meta Friedenreich,, Srta. Wendeburg, Sra. von Hartenthahl, Sra. Clara Schreep, Sra. Ida Peters, Rudolf Krause, Hermann Ruediger, Heinrich Froehner, Blomeyer, Chr. Schmidt, Alfred Beims, Otto Freygang, Ernst Haertel, Leopold Hoeschl, Theodor Lüders, Schotte, Schwartz e Sra. (128).

Outra modalidade de recreação germânica que logo se implantou na Colônia, funcionando a princípio, também,

anexo à Sociedade de Atiradores, foi o jogo de bolão ou boliche. Assim, nessa quadra da vida blumenauense, as festas da "Schützengesellschaft" ofereciam um programa dos mais completos e variados. Além das tradicionais marchas e disputas de tiros ao alvo, para aclamação do "rei dos atiradores" e do "rei do pássaro", incluíam representações de teatro, partidas de bolão, bailes em que predominavam os "Rheinländer", Schottisch, quadrilhas suecas, valsas, e muitos outros divertimentos. De como eram divertidas as festas da "Schützengesellschaft", nessa época, informa a publicação "Contos de um velho colono blumenauense", quando descreve uma delas em que, além dos folguedos já descritos, os jovens e bem humorados blumenauenses organizaram um "Gabinete de Raridades".

A primeira sala do célebre gabinete apresentava em uma série de pinturas, críticas pilhéricas a diversos trechos de um livro que o dr. Blumenau publicara na Alemanha para incentivar a imigração teuta para a Colônia. O primeiro quadro, informa o Velho Colono Blumenauense, que se referia ao trecho do livro do dr. Blumenau que dizia: "O céu em Blumenau é sempre azul", tinha, na exposição do gabinete, o título: "É preciso saber dar um geito" e representava um esboço panorâmico da Colônia, vendo-se o dr. Blumenau, no alto de uma escada, com um largo pincel embebido em tinta azul, a pintar o céu. Outra passagem do livro, em que o dr. Blumenau afirmara: "três ou quatro bananeiras são o suficiente para alimentar uma família, foi alvo de um quadro crítico que apresentava um casal em trajes edênicos, à sombra de algumas bananeiras, comendo bananas e, ao fundo,, algumas crianças nuas brigaram com porcos por causa de bananas maduras. A denominação deste quadro era a seguinte: "Agora, sim, é que estamos bem!" Mas, não era só. Noutro compartimento do gabinete, via-se em um prato enfeitado de flores, dois rabos de gato de pelo vermelho, entrelaçados. A explicação, porém, dessas reliquias, dizia assim: "Dois enormes e terríveis leões enciumados por causa de uma jovem leoa, de ambos pretendida, encontraram-se no deserto de Saara e... se devoraram reciprocamente, até as caudas. O célebre viajante francês, F..., assistia a esta cena trágica e levou os dois rabos como lembrança. Em seu leito de morte, o ilustre viajante legara-os ao gabinete de raridades de Blumenau". Outra raridade: um animal pavoroso e gigantesco, que tinha semelhança com tigre e ave aquática, era anunciado como fruto dos amores do pássa-

ro gigante "Rocke" e do monstro marinho "Haiklako". Havia, ainda, encerrada em uma caixa hermeticamente fechada e coberta por um vidro, uma pedra pintada de branco reluzente, que, conforme explicação do gabinete, era um pedaço do polo norte. Ninguém, porém, devia tocá-la, pois sendo magnética, ficaria preso àquela pedra por toda a eternidade. A maior raridade, contudo, foi a presença de um índio vivo, que se encontrava em uma espécie de jaula. Claro está que não se tratava de um indígena autêntico, mas como o jovem que o representava, graças ao seu porte robusto, à sua caracterização e ao seu dom de imitar com perfeição a mímica e a voz dos selvagens, conseguiu impressionar vivamente alguns dos assistentes. Sua vestimenta consistia apenas numa pele de jaguar-tirica, passada em volta dos quadris. O resto do corpo estava enfeitado de penas multicores e com tatuagens as mais esquisitas.. De quando em quando, após executar uma dança guerreira, acompanhada de grande alarido, o „índio" comia nacos de carne crua e sangrenta (antes preparada com vinagre, sal e pimenta, etc.) e bebia um copo de "sangue" (vinho tinto). A certa altura da festa, talvez devido à sua insaciável sede de "sangue", o "índio" dansou tão impressionante e violentamente, que perdeu grande parte de suas vistosas penas. Uma senhora berlinense que ali se encontrava, não se conteve e exclamou, com seriedade: "Deus meu! a besta está mudando de penas!" o que causou a mais viva hilariedade (129).



Vapor "PROGRESSO", primeiro a singrar as águas do Itajai-Açu, transportando mercadorias para Itajai.

(Continua no próximo número)

As Enchentes no Vale do Itajaí (1)

(Suplemento nº 1)

A. SEIXAS NETTO

Para dar uma continuidade histórica ao Ensaio-Registro, sob o título acima, publicado pela Revista BLUMENAU EM CADERNOS, nº 12, e, logo a seguir, em Separata (Publicação nº 13), do mesmo periódico, tomamos a decisão de complementar o mesmo com dois registros anuais em forma de Suplemento àquele trabalho.

Assim, permanecendo válidos os parâmetros indicados, e os valo-Astrofísicos-astronômicos utilizados, bem como os índices climáticos para a área do Vale do Itajaí:

Ano	dia/meses	altura média	amplitude	período
1975	12-13 Dezembro	8,20 m	Pequena Cheia	1 ano
1976	13-16 Maio	8,00 m	„ „	1 ano
1976	28-29 Maio	10,55 m	Média Cheia	2 anos

Observa-se que na última Média Cheia o nível das águas, apesar das Barragens já construídas, alcançou índices superior a 10 metros de elevação do Rio Central, alagando dentre muitos lugares ribeirinhos, a parte central de Blumenau. As ocorrências pluviométricas, de grande intensidade, mas alternadas, permitiram um escoamento progressivo mais ráptdo. Se houvesse a carga pluvial ocorrido lentamente em 72 horas os índices de elevação teriam sido bem superiores, devido as condições de capilaridade, conforme indicado no trabalho original e inicial. Ocorre que o período de precipitação descontínuo, entre 12 a 29 de maio, perfazendo, no total ocorrido 8 dias de 24 horas, como fora previsto, permitiu o "desdobramento da elevação hidrológica em duas etapas quase distintas mas interligadas e interdecorrente do processo pluvio-lunar astronômico.

Observe-se que a altura da cheia é sempre medida média, de vez que não há levantado um horizonte do leito da calha central da bacia hidrológica onde se possa apoiar um valor absoluto de altura. Ocorre registrar que no período de 12 a 29 de maio, todas as bacias hídricas litorâneas, embora de características diferentes, sofreram elevação de nível, devido ao processo de lentidão pluvial.

(1) — O título será também mantido num segundo Ensaio a ser terminado até o final do ano com sub-indicação de CONDIÇÕES DE PRECIPITAÇÃO NA BACIA DO ITAJAÍ. Posteriormente, se possível será publicado igualmente das outras três bacias litorâneas.



QUEM FORAM, REALMENTE, OS PRIMEIROS IMIGRANTES QUE REINHOLD GAERTNER CONDUZIU À COLÔNIA DO DR. BLUMENAU EM 1850?

Frederico Kilian

A revista "BLUMENAU EM CADERNOS" publica em seu Nº 5, de Maio deste ano, às páginas 186/87 um artigo do Sr. Edison d'Ávila, no qual este transcreveu trecho de uma carta escrita por Paulo Kellner, com referência à sua chegada à Santa Catarina em fins de agosto de 1850 e, a 2 de setembro daquele ano, a seu destino, à Colônia do Dr. Blumenau.

Incluindo-se Reinhold Gaertner, sobrinho do Dr. Blumenau, que vinha chefiando a primeira leva de imigrantes alemães que se encorajaram a deixar a sua terra natal e atravessar o oceano num veleiro, para aqui encontrar sua nova pátria, eram eles ao todo 17 pessoas que a 2 de Setembro de 1850 desembarcaram d'uma balsa na desembocadura do ribeirão da Velha, no local onde hoje se acha construído o edifício do Fórum desta Comarca.

No referido artigo, estribado no relato feito na carta de Paulo Kellner, publicado em agosto de 1900, no jornal "Progresso", de Itajaí, foi levantada pelo senhor Edison d'Ávila a dúvida quanto à chegada, na mesma ocasião, de FRANCISCO SALLENTHIEN e ANDRÉ BOETT-SCHER, cujos nomes não foram citados na carta de Paulo Kellner, mas constam da relação dada por José Ferreira da Silva, em sua "História de Blumenau", indagando o Sr. Edison d'Ávila, — quem esteve, neste caso, equivocado — Paulo Kellner ou José Ferreira da Silva? —

Como membro, que fui, da Comissão Preparatória para os festejos do Centenário de Blumenau, a qual já muito antes deste evento se reunia para delinear, em traços gerais, o programa para tais festejos, e, depois de fixado o programa geral, atuando também na execução deste programa, quer como Secretário da Comissão encarregada de compilar e publicar o "Livro do Centenário" e ainda como Presidente da Comissão organizadora do "Préstimo Histórico", sinto-me autorizado e no dever de dar sobre o assunto no início focalizado, os esclarecimentos seguintes que, creio eu, irão dissipar as dúvidas levantadas.

Tanto Paulo Kellner, como José Ferreira da Silva relatam, respectivamente, que foram 17 pessoas que, como primeiros imigrantes chegaram no dia 2 de setembro de 1850 ao ribeirão da Velha, onde o Dr. Blumenau lhes deu o primeiro abrigo provisório. No entanto, Paulo Kellner não cita entre estas 17 pessoas que relaciona em sua carta, os nomes de Francisco Sallenthien e André Boettscher, os quais José Ferreira da Silva, em sua "História de Blumenau" dá como integrantes da primeira leva de imigrantes, mas Kellner acrescenta à família Kohlmann mais 1 filho e diz ter Frederico Riemer vindo também com 1 filho, quando na relação constante da obra de José Ferreira da Silva, Frederico Riemer consta como sendo solteiro.

Paulo Kellner relacionando aquelas pessoas apenas pelo nome de família, sem mencionar os nomes das mulheres e filhos vindos com os imigrantes, omite ainda o nome de Erich Hoffmann, citado na relação de José Ferreira da Silva.

Esta relação de Paulo Kellner foi dada em uma carta que este escreveu depois de passados 50 anos de sua chegada ao Brasil.

De onde, porém, José Ferreira apanhou os nomes destes primeiros 17 imigrantes, com indicação de suas idades, estado civil, naturalidade e profissão que cita em sua obra?

Creio poder prestar os necessários esclarecimentos para dissipar a dúvida levantada.

Quando se tratou de delinear um programa para os festejos do 1º Centenário de Blumenau, sugeri, numa das reuniões da Comissão Preparatória, que fosse fundida, em bronze, uma placa contendo os nomes dos 17 primeiros imigrantes e fixada esta no monumento dos imigrantes erigido e inaugurada no ano de 1900, na atual Praça Hercílio Luz, como preito de homenagem e para perpetuação dos nomes daqueles que iniciaram a formação e o progresso de Blumenau.

Fez-se, então necessário obter esta relação, o que naquela época, não foi difícil, pois existia no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal o "Livro de Registro de Imigrantes" que desde o início da Colônia fora organizado e mantido em dia pelo seu fundador, Dr. Hermann Blumenau, que nele consignava, meticolosamente, por ordem cronológica das respectivas entradas, os nomes, data da entrada, idade, profissão, naturalidade e religião de cada um, com a indicação do navio com o qual haviam atravessado o oceano.

Em seu Relatório, sobre a Colônia de Blumenau, firmado em 18 de janeiro de 1853 e relativo às ocorrências do ano de 1852, o Dr. Blumenau já se refere ao seu "Livro da Colônia" dando, baseado nos seus registros, informações sobre a composição da população de Blumenau, conforme se vê do trecho que a seguir vai transcrito:

"O número total dos colonos por mim introduzidos nas margens do Rio Itajaí, desde o principio da empresa, com a chegada dos primeiros colonos, no mês de agosto de 1850 (Nota: refere-se o Dr. Blumenau aqui à chegada dos colonos à Santa Catarina), é de 134, *como consta do respectivo livro da Colônia* (o grifo é nosso) e dos passaportes dos colonos e pertencem todos à igreja evangélica cristã; deste número total ausentaram-se da Colônia 4 pessoas e não têm esperança de voltarem; quinze pessoas ausentaram-se da Colônia, ficando porém nas margens do rio Itajaí, estabelecidos ou trabalhando em jornal, e enfim, três afogaram-se. O número total dos colonos neste momento estabelecidos na Colônia é, pois, de 102 e crescendo-se dois nascidos na mesma, de 134; destes 53 são casados, 51 solteiros, 33 de 1 até 10 anos; 20 de 11 até 20; 48 de 21 a 30; 16 de 31 a 40; 11 de 41 a 50; 5 de 51 a 60 e um de 68 anos de idade (Blumenau em Cadernos, Tomo I, N° 3, págs. 44 e 45)".

Aliás, com relação a este "livro da Colônia" como o denominou o Dr. Blumenau em seu relatório, quero deixar aqui consignado um fato do qual poucos talvez ainda tenham lembrança.

Quando da emancipação da Colônia, em 1880, o Dr. Blumenau, entre outros documentos, também fez entrega do seu "Livro de Registro de Imigrantes" à administração da cidade, ficando o mesmo no arquivo da Superintendência, desaparecendo dali, muitos anos mais tarde, misteriosamente, pois lá não fora mais encontrado, quando, em certa ocasião alguém quis consultá-lo. Ninguém dos funcionários podia explicar que destino havia levado, até que anos depois, foi o mesmo encontrado entre os apetrechos teatrais do Teatro "Frohsinn". Soube-se então que numa certa peça de teatro, apresentada pelo grupo teatral do "Frohsinn" se fazia necessário fosse colocado sobre uma mesa, no palco, um livro grande e volumoso, e, não se sabe certo quem, sugeriu então pedir por empréstimo, na falta de tal requisito no acervo do teatro, o livro do registro de imigrantes, para substituir a peça necessitada. E foi assim que o Livro dos Imigrantes foi usado, porém em outro caráter do que o seu verdadeiro, numa peça teatral. Terminada a apresentação foi recolhido ao almoxarifado e esquecido ali por vários anos. Esteve depois em posse do arquivista da Prefeitura, Sr. Theodoro Lüders, voltando então, por ocasião da aposentadoria do Sr. Lüders, ao arquivo da Prefeitura.

Foi de grande utilidade para muitos este livro, nos anos da "campanha de nacionalização", quando muitos dos velhos imigrantes tinham necessidade de provar a época de sua entrada no Brasil, para obter seus títulos declaratórios de cidadania brasileira, mediante certidão fornecida pela Prefeitura Municipal, extraída dos respectivos registros nele constantes, documentando com esta sua estada no Brasil ao tempo do império, o que lhes dava o direito constitucional de cidadão brasileiro.

Muitas vezes tive oportunidade de manusear este livro que, infelizmente ficou transformado num punhado de cinzas, naquela noite de novembro de 1958 na qual um incêndio destruiu uma das alas do prédio da Prefeitura Municipal, onde se achava instalado o Fórum e o Arquivo Histórico de Blumenau.

E foi baseado nos assentamentos feitos pelo próprio Dr. Blumenau, logo após a chegada de cada leva de imigrantes, em seu "Livro de Imigrantes" que José Ferreira da Silva extraiu os nomes e dados referentes aos primeiros 17 imigrantes com os quais o Dr. Blumenau iniciou seu arrojado empreendimento que hoje é esta maravilhosa colmeia de trabalho e progresso.

Portanto, confrontando-se os dados fornecidos por Paulo Kellner numa carta escrita depois de decorridos 50 anos da chegada dos 17 primeiros imigrantes, com os nomes constantes dos registros feitos pelo próprio Dr. Blumenau logo após a chegada daqueles, em vista dos seus passaportes, creio que não haverá mais dúvida alguma quanto à verdadeira relação nominal daqueles primeiros 17 imigrantes, cujos nomes, por ocasião do 1º Centenário de Blumenau, foram perpetuados, em placa de bronze, no Monumento dos Imigrantes, à praça Hercílio Luz, desta cidade e citados também, na mesma ordem, na obra de José Ferreira da Silva.

Figuras do Passado

JOSÉ E. FINARDI

GIUSEPPE DEMARCH

Natural de Valmorel, comuna de Limana, da província de Belluno, Itália, Giuseppe Demarch nasceu no dia 10 de junho de 1852, filho de Angelo Demarch e de Magdalena Candeago. Contando 33 anos de idade emigrara com sua esposa Bernardina Dalmasso e três filhos: Giovanni, com oito anos; Luíza, com seis anos e Clemente, com cinco anos, e chegando à Colônia Blumenau em junho de 1885, radicou-se inicialmente em Guaricanas, no lote nº 47, dessa linha colonial, onde o casal teve mais três filhos: Valentim, Antônio e Graciano Demarch.

O filho Giovanni Demarch, nascido em 12 de fevereiro de 1877, casou com Ângela Cechelero, nascida em 7 de março de 1879, filha mais velha do pioneiro Gregório Cechelero: Clemente Demarch, nascido em 1880, casou com Gertrudes de Amorim, nascida em 1886, filha mais velha de José Antônio de Amorim, o "Morina" como era conhecido, e, Luíza Demarch, nascida em 10 de abril de 1879, casou com Santo Finardi; Valentim Demarch, nascido em 1886, Antonio Demarch, em 21 - 2 - 1889 e, finalmente, Graciano Demarch, nascido em 24 - 2 - 1891, casou com Amábil Testoni.

Com o falecimento de sua esposa Bernardina, Giuseppe Demarch construiu novas núpcias com Emília Dalmolin, viúva de Giovanni Dalmolin, pioneiro em Guaricanas, de onde se mudou para Ascurra, adquirindo o lote nº 165, da margem esquerda do Rio Itajaí-Açu, adjacente à sede da Povoação.

Do novo matrimônio teve dois filhos: Maria Demarch, nascida em 1896, casou com Giovanni Cechelero, filho de Gregório Cechelero e Gregório Demarch, nascido em 1898, ainda vivo, é casado com Ambrosina Facchini.

Em sua comuna de origem Giuseppe Demarch, exercia a profissão de sapateiro, muito comum na época, em Belluno. Entretanto, por ter dons especiais para a música, dedicou-se, quando jovem, ao estudo desta, ingressando no famoso CORAL DI BELLUNO, em que se sobressaía pela privilegiada voz de Tenor-Baixo.

Logo nos primeiros anos de seu estabelecimento em Ascurra, depois de várias tentativas, Giuseppe Demarch conseguiu organizar um grupo de cantores, recrutados entre os imigrantes afeiçoados ao bel-canto, grupo esse que passou a ser conhecido como "I CANTORI".

A intensa vida religiosa prioritariamente vivida pela população de então, orientou o grupo a cantar músicas sacras, que incluíam Missas Solenes e de Réquiem, as primeiras para as grandes festas religiosas e as segundas por ocasião dos enterros de "corpo presente".

Mais tarde o Coral organizado passou também a ser contratado para abrilhantar as festas de Casamento, as civís e outras, com cantos profanos, quando entãp eram cantadas as canções italianas dos "paeselli" de que os componentes do Coral eram originários.



GREGÓRIO DEMARCH, filho de Giuseppe Demarch, fundador do Coral

O primeiro Coral era constituído de oito cantores: Maestro: Giuseppe Demarch - Tenor-Baixo; Giovanni Poltronieri - Baixo; Luiz Isolani - Tenor; Giovanni Demarch - Tenor; Felice Facchini - 1º Tenor; Nicola Badalotti - 2º Tenor; Gotardo Possamai - 2º Tenor; e Alessandro Zonta - Baixo.

Com o falecimento em 1929 de Giuseppe Demarch e outros que se lhe seguiram, o Coral passou a ser dirigido por Gregório Demarch, filho do fundador do Coral. Este, então, passou a constituir-se de nove figuras; Maestro: Gregório Demarch - 1º Tenor; Geovanni Demarch - Tenor; Ambrósio Facchini - 2º Tenor; Júlio Bertelli - 2º Tenor; Erminio Poffo - 2º Tenor; Alessandro Passero - Baixo; Arcangelo Poffo - Baixo; Paulo Maiola - Baixo e Graciano Demarch - Tenor Baixo.

Com o falecimento de uns, ausência de outros, aliado ao progresso em que tudo evolue, o Coral dissolveu-se, ficando, no entanto, ainda gravadas na memória de Gregório Demarch, um dos seus componentes ainda vivo, algumas das canções italianas da época da imigração, como sejam; Lieto Giorno — Santa Lucia — La rosa é um bel Fiore — I Gobetti — Nineta — Ciáu moretina — Là in mezzo al mare — I Chiuchetoni e outras mais.

Diz-se que a morte faz boas todas as criaturas: apaga-lhes os pecados, os defeitos... Giuseppe Demarch, entretanto, que em vida foi uma extraordinária figura humana, morreu marcado pela bondade, aureolada de piedade cristã e de amor ao próximo.

Sua morte, ocorrida em 29 de abril de 1929, deixou um vácuo na vida comunitária de Ascurra: que Gregório Demarch, seu único filho ainda vivo, com 78 anos de idade, por mais de duas décadas esmerou-se em preencher, dando continuidade à obra humilde mas admirável que foi toda a sua vida. Contava 76 anos de idade e foi inumado no Cemitério de Ascurra.



ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

AS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ — A. Seixas Netto

Edição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" — nº 13, 1975

As constantes inundações do Vale do Itajaí, de consequências quase sempre catastróficas e imprevisíveis, especialmente para o Município de Blumenau já mereceram muito artigo, muita análise, por parte dos nossos historiadores.

José Ferreira da Silva publicou um interessante e completo trabalho, enfocando as inundações do ponto de vista histórico.

Seixas Netto, fazendo referência a este trabalho de Ferreira da Silva esclarece, no início do seu estudo, que tomou a si o encargo de apreciar o assunto do ponto de vista "geometeorológico" e "geocológico". Antes, porém, faz o registro das enchentes ocorridas em 1974 e 1975, que completam o levantamento de Ferreira da Silva (falecido em dezembro de 1973). É muito interessante ler o que Seixas Netto escreve sobre as enchentes no Vale do Itajaí.

Fica-se sabendo, por exemplo que "a Bacia do Itajaí compõe-se de 166 rios de médio e pequeno porte que desagüam e avolumam o leito central da Várzea de inundação ou o Rio Itajaí Açu". E prossegue: "Se a estes 166 canais apreciáveis juntarmos mais de 400 pequenos manadouros formando riachos esgalhos a ribeirões principais da rede, teremos quase 600 vertentes despejando água no grande rio. É, portanto, a mais notável rede hidrológica no sul do Brasil, nas condições topo-geográficas inusitadas como a constante dentro do Anel da Várzea de Inundação." (item V, da obra, pág. 6).

É bem verdade que o autor usa alguns termos pouco comuns ao leitor. Assim, desfilam termos como "perfil hipsométrico", "rede hidrológica", "capilaridade do freático", "valores geoclimáticos", etc.

Não poderíamos exigir, porém, que partindo para um estudo "geometeorológico" e "geocológico" o autor rebuscasse palavras de castiço português para transmitir suas teses e conhecimentos. Ele o faz dentro de uma linguagem técnica e astrofísica que para o leigo torna-se quase incompreensível.

Aliás, as teses defendidas por Seixas Netto não serão muito bem aceitas pelos estudiosos da matéria. Tanto isto é verdade que o próprio autor esclarece, a certa altura, que sua "interpretação será criticada e até mesmo negada, o que é importante para gerar ulteriores estudos". E em outra referência sobre idênticos estudos que estaria fazendo sobre as demais bacias hidrológicas do nosso Estado, Seixas Netto dá a entender que

o assunto talvez só interesse a ele, pois não estaria dentro dos cânones atualmente aceitos pela ciência aquilo que ele vem levantando durante anos de estudos. O trabalho é, como se vê, controvertido. Mas apesar disto traz bastante luz sobre a periodicidade e sobre as possíveis causas que provocam as inundações já tão comuns aos habitantes do Vale do Itajaí.

O MARINHEIRO SUECO (conto) — Raul Caldas Filho

Revista "Ficção" — Rio — Março, 1976

O autor é catarinense. Este conto, publicado numa revista do porte litero-cultural de "Ficção" coloca-o, lado a lado, com os maiores e mais importantes escritores brasileiros. Isto não quer dizer que seja fácil entendê-lo. Mesmo porque Caldas Filho usa e abusa de palavras que não constam do linguajar cotidiano.

Se Seixas Netto, no livro abordado acima, emprega termos ligados à astrofísica, ele o faz consciente de que está elaborando um trabalho técnico.

O mesmo já não se pode dizer de alguém que escreve ficção, destinada ao leitor considerado medianamente comum.

Por isso, não entendemos o emprego excessivo de palavras cuja terminologia pende para os "antes". Senão vejamos: percorrendo as sete páginas que abrigam o conto, deparamos com "evolantes", "penumbrantes", "respingantes", "rorejante", "roçagante" e "desabalante". Isto para não citarmos "luminescentes", "enrugecedor", "lucilações", "borbotações", etc. Um convite dos mais formais a que se adquira, o quanto antes, o Dicionário do Aurélio.

Alguns intelectuais poderão tecer loas a um escrito desta natureza. Nós açhamos, porém, que muito mais bem faria às nossas letras um conto sem muitos rebuscamentos, mas que fosse singelo, contasse alguma coisa que atingisse o leitor comum.

Conhecemos trabalhos de Caldas Filho, especialmente no ramo jornalístico, e por isso sabemos-lo um escritor de reais méritos.

"O Marinheiro Sueco", por certo, é uma daquelas manifestações no estilo modernista que normalmente os escritores guardam no íntimo. Mas que um dia resolvem publicar, num desabafo cultural que a ele, escritor, sempre faz bem.

O sisudo e severo Conselho Editorial da Revista "Ficção", onde figuram catarinenses, devia estar num dia de muito bom humor quando selecionou este conto para figurar no número 3 da Revista. Raul Caldas Filho escreve muito melhor. E possui uma linguagem muito mais comunicativa do que esta que ele utilizou no seu "Marinheiro Sueco"..



A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

— Que fiz, meu Deus, para me mandares tamanha cruz? Já me levaste o marido. Exigiste mais esse sacrifício. Por que? exclamou exausta. Calou-se. O vento cantava um "rêquiem" solene nas palhetas das árvores. Uma zuada fúnebre celebrava o sangrento acidente. Ajoelhou e beijou-lhe a cabeça vazia. Um esgare de dor marcara o rosto pálido do filho, todo ensangüentado. Fora essa a derradeira lembrança que se fixaria para sempre na mente da mãe mártir. Os outros filhos aproximam-se transidos de medo e horror. Talvez fosse a primeira vez que tiveram consciência de um cadáver, pois eram ingênuos demais quando o pai morrera. Ergue-se incontinenti e os olha um por um e depois tomada de um frenesi os abraça como louca, de certo modo feliz por tê-los vivos.

Enfileira-os ao longo do cadáver, olha-os novamente para em seguida atirar-se desalentada ao chão e só então abrir num choro convulso. Soluçava de comover as pedras. Por fim deu livre curso as lágrimas que ensopavam os mulambos que cobriam o cadáver.

Como que petrificados ficamos testemunhando todos esses gestos de dor e desespero. Quando se acalmou, fomos chegando meus filhos, os vizinhos e eu, que acorrêramos atraídos pela fumaça do incêndio.

— Não chore, disse-lhe à guisa de consolo, como se consolo houvesse para um coração de mãe em tais circunstâncias. Ela se volta para mim com os olhos esgazeados. Muda. Lança um olhar sobre os demais como quem busca auxílio. Torna a olhar para o céu. Um céu azul diáfano. Um azul dos azuis da serra. Que contraste! Lá no firmamento tudo é luz. É um dos claros dias de início da primavera, tão lindos nos rincões do planalto. A luz coava pelos interstícios das folhas como uma fonte de consolo que descesse do céu para lenir a dor daquele coração martirizado de mãe. Todavia, aquele dia tão lindo se perpetuaria naquele coração como um marco de dor e desconsolo. Que espécie de consolo podia esperar? Somente o tempo cicatriza as grandes dores, quando não sangram continuamente. Há almas em cujo seio a dor cessa somente com a morte.

Marcos contemplou por momentos ainda o quadro dantesco. Correu até a palhoça e de lá trouxe o que havia muito naquela época, uma espécie de tapa-miséria vermelha com barra preta (manta). Envolveu nela o cadáver e auxiliado por seu filho e os homens que haviam acorrido levaram o cadáver para a choça, improvisaram uma essa. Pouco distante dali, à beira do caminho abriram uma cova.

Cumprida essa nobre missão, esse ato de caridade cristã, Marcos com os demais foram ver os estragos do incêndio. Firmino viera da roça com toda família.

Ó admirável espírito de solidariedade humana do caboclo serrano.

Onde quer que se faça sentir a necessidade do socorro humano, lá está ele, prestativo, sem se fazer de rogado, auxiliando com seu trabalho braçal, ou assuntando, como diz, para auxiliar melhor. Se for preciso montar a cavalo, chamar alguém ou fazer umas voltas, como costuma falar, está pronto a sacrificar-se pelo amigo ou vizinho.

De nada adiantava lastimar. A casa fora destruída. Em cinza os currais. Desolação completa. Acrescia ainda o medo de serem apanhados pelos jagunços e trucidados. O pior era que havia três filhas caseiras e a mãe. Se caíssem nas mãos dos bandidos que seria delas?

Firmino vendo chegar gente, esgueirou-se cauteloso do local onde se achava e armado até os dentes ficou atrás de uma moita.

Marcos que percebera o movimento bradou: É de paz!

Deixando o esconderijo e vendo que era Marcos saudou-o:

— Bons dias!

— Bons dias! responderam soturnos, Marcos e os vizinhos.

O caboclo fala pouco em horas sombrias. Vendo-se em companhia de gente amiga, Firmino contentou-se em contemplar a sua desgraça. Dentro do peito excogitou tremenda vingança, que chegada a hora executaria terrível. Matutou todos os pormenores e fixou-os na mente para que nada do que planejava lhe escapasse.

Apanhou umas palhas do surrão, sacou da faca, aparou-as e colocou-as atrás da orelha, tirou um pedaço de fumo do bolso e passou a picá-lo com toda pachorra. Terminado o mister, guardou a faca, esfarelou o fumo, colocou-o sobre a palha e enrolou o cigarro, palheiro ou crioulo como o chamam. Ofereceu-o a Marcos e foi enrolando outros oferecendo-os aos vizinhos, que somente poderiam recusá-los se fossem abstêmios. Cumpridas as formalidades da recepção e acendendo seu próprio cigarro, depois de botar fumaça pelo nariz e pela boca, o caboclo falou:

— Desgraça, não! Perdi tudo, patrão, disse voltando-se para Marcos que nessa hora desenrolava o cigarro que não ardia bem.

— Não tão grande, amigo, porque nós estamos aqui, disse um dos circunstantes.

— É uma desgraça que se abateu sobre você. Deus permite essas maldades para que os homens aprendam a ajudar uns aos outros, disse Marcos com firmeza.

— Antonces, podí sê. Mas que vou fazê?

— Nois viemo pra ajudá. Que é que vamos fazê primeiro? falou outro.

— Home, não sei! Eu queria era matá aqueles bandido, disse passando a mão no cabo do Trinta e Oito que luzia no coldre, enquanto a esquerda passeava sobre as balas da cartucheira na cintura.

— Mió não falá pois a mata pode ter ouvido. Onde está a família?

— Logo ali ansim no mato. Eu avisei que ficassem lá até eu mandá. Arguns marvado podia andá por aí e a gente pudesse mandá esse desgraçado pro outro mundo. Lugá mió pra elis não hái. Meus dois fio a essas hora deve está deitado sobre os gaio dargum pinheiro, esperano

o primero bandido que se atrevê a atacá a mãe ou as irmã delis.

Era de cima dos galhos de pinheiro que os jagunços, com certa pontaria, matavam cavaleiros ou viandantes desprevenidos. Despachavam os desacautelados, roubavam-nos e a família ou outra pessoa piedosa que os enterrassem.

— Que vamos fazer agora? indagou Marcos.

— Começar tudo de novo. Vou fazê casa nova mais pra dentro, na curva do oiteiro junto aos altos pinheiros. Se a turma que vié atacá for pequena “como todos na bala” antes de elis assaltá.

— Boa idéia! Basta alguém ficá de atalaia no alto do oiteiro com uma boa Winchester ou carabina... Óia que vai sobrá bem pouco... afirmou um dos presentes.

— Sempre temos dificurdade, mas cum o tempo nois fica mais matrero e vai custá elis vencê a gente...

— Chega de conversa, disse o velho Campano chegando, vamos logo começar a casa. No esconderijo vive-se arguns dia, adispois cansa.

— Donde vem a amigo, disse Marcos acercando-se do velho e estendendo-lhe a mão.

— Vim da venda do Silveira. O bando do Tião Bento passou de largo numas gargaiada que parecia os demo do inferno. Foi quando ví fumaça cá pra essas bandas. Ai vim caminhando e iscuitei as últimas palavra. Meu fio tem contas a justá com o bando do Tião. Há de chegá o dia. A polícia já prendeu arguns do bando e a cabeça do Tião está a prêmio.

— Seu fio qui não se cuide que acaba nas garra do miserave, advertiu Firmino.

— Já disse pra eli deixá de história. Mais eli não atende. Jurou em riba do cadáver da irmã e home encanzinado lâ ouve conseio? A paixão de meu fio é maió qui a marvadeza do desgraçado. Eli não deseste. Viu a irmã escoada em sangue, pisada por um home sem coração. Acha qui eli vai perdoá? Esse terá de pagá. O Tião que espere. Nois vamo é cortá palha pra fazê o rancho onde Firmino e a famiia possam passá a noite, continuou Campano, seguindo mato adentro.

Corta daqui, carrega dali, até à noite tinham levantado uma choça para abrigar parte da familia de Firmino. Os moços descidos dos pinheiros acompanharam os homens no velório do infortunado menino de cor.

No outro dia, após breve cerimônia à beira da cova o corpo envolto na manta vermelha desceu à terra. Fechada a sepultura, cada um benzeu-se e voltaram à faina de auxílio ao caboclo Firmino.

Começaram por cortar madeira para construir nova casa. Um ficava sempre à espreita, enquanto os demais trabalhavam. Dentro em pouco uma nova casa estava em vias de acabamento. Firmino retouçando ervais e com a venda de algum gado conseguiu refazer-se aos poucos do grande prejuízo. Depois daqueles dias, sentia-se intranquilo. Dera para pensar. Numa refrega com a polícia Tião perdera seus melhores homens, apanhados que foram numa cilada. Manietados foram trancafiados. Tião

escapara, devia gozar de um pouco de liberdade ainda. Seu dia fora procrastinado pelo destino.

Nestor escutava a conversa de seu futuro sogro. Ficou pasmo a respeito do rumo que tomaram os acontecimentos.

O exército entrou em ação sob o comando do general Setembrino de Carvalho. Seu plano de combate, apesar de pesadas baixas em alguns combates, levou a melhor conseguindo a rendição. Para tanto, teve de enfrentar os fanáticos, vaqueanos nas matas e casos houve em que a tropa, tentando dominar o inimigo embrenhava-se nos matagais intrincados, onde eram presa fácil de um inimigo aguerrido e bem municiado. Tiros partiam de cada moita. As mesmas varridas à metralha não apresentavam baixas nas hostes dos jagunços. Outras vezes os soldados desorientados perdiam-se naquele emaranhado e dias depois apareciam, quando apareciam mortos de fome e cansaço. Depois mesmo de vencida a batalha, quantos soldados pagaram com a vida a ousadia de pertencer ao destacamento local nos arraiais. Perguntado, o facínora respondia: Atirei só pra ver o tombo!

Mesmo sofrendo perdas de homens aqui e ali o exército cumpria sua missão. Urgia acabar com aquilo, dando caça aos celerados. Antes, porém, de chegar a um termo a mortandade raiava pelo terror. Um alemão imigrante que aparecera por lá construira sua casa. Numa bela noite ela foi cercada pelos fanáticos e ele assistiu ao assassinato de sua família. No seu desespero, conseguiu libertar-se dos laços que o prendiam e juntar-se às forças do governo, para as quais começou a trabalhar levando viveres e munições para a frente de combate. Sozinho no mundo, conta ele, à princípio arrepiava-me todo quando as rodas da carroça cortavam os cadáveres insepultos dos que morriam à mingua nas estradas. Mais tarde já acostumado com o cheiro nauseabundo, a fuga dos urubus, lá ia cumprindo a minha missão, carrando viveres e munições.

Esses choques com as forças governamentais tornou os homens tão empedernidos que ofereceram combate às mesmas junto ao riacho Paciência. Rechassados com pesadas perdas de ambos os lados, concentraram-se e ameaçaram invadir a vila de Canoinhas.

Paroquiava naquelas regiões o "santo dos sertões" daquela época — Frei Rogério. Tivera entrevista com o profeta João Maria e também com José Maria de Irani. Não lograra êxito, porque ambos não cumpriram a promessa de apresentar-se para confissão e Santa Missa que declararam mais tarde desnecessárias em face de sua missão muito mais nobre no seu entender.

O número de fanáticos crescera assustadoramente. Frei Rogério acreditava que era possível atraí-los com roupas e alimentos. Após inúmeros sacrifícios e orações dispôs-se a convencê-los a fim de que abandonassem o seu intento. Apesar das advertências ele saiu a campo para se encontrar com os jagunços. Montou num cavalo gentilmente cedido por um lageano que ali se encontrava de passagem. Acompanhado de um sacristão e munido de uma bandeira branca de paz procurou falar-lhes. Soldados ficaram ocultos para o caso de ser Frei Rogério atacado, pudessem voar em seu socorro. Nos fundos da mata Frei Rogério passou a

bandeira ao sacristão e empunhando o crucifixo clamou em nome de Deus que alguém se apresentasse para parlamentar. Um profundo silêncio foi a resposta. Frei Rogério avançou mais. Pediu em nome de Deus que abandonassem a idéia do assédio à cidade para o bem deles e dos habitantes da vila. Como o Frei insistisse, oferecendo-lhes roupas, comida, anistia geral se se entregassem, aceitaram os presentes. Tendo recuado viu que alguns saíram do esconderijo e vieram buscar as dádivas. Ninguém falava. Esse silêncio era de má perspectiva. Frei Rogério teve ímpetos de apeiar do cavalo e ir-lhes ao encontro. Todavia a prudência recomendava que não se arriscasse.

Como não recebesse resposta ao seu apelo, foi-se aproximando, apesar da advertência do sacristão. A tarde era cinzenta. Uma solidão de morte pairava no ar. A todas as perguntas ficaram devendo as respostas. Apelando para o espírito cristão e patriótico, pois que todos eram brasileiros que se matavam numa luta inglória foi-se aproximando e quando havia dado tudo o que trouxera, soou um tiro e seu cavalo rolou por terra, quase envolvendo o bondoso sacerdote. Um berreiro infernal seguiu-se à façanha, acompanhado de uma fuzilaria violenta. O sacristão safou-se por milagre. Todos se precipitaram sobre o sacerdote, porém, os milicianos escondidos fizeram frente aos miseráveis iludidos. Entrincheirados, invisíveis entre as folhagens abriram fogo cerrado. Essa barreira de fogo inesperado levou a desordem nas fileiras dos jagunços e após algumas baixas recuaram finalmente. Ajudado por vaqueanos que há muito haviam deixado as fileiras dos fanáticos, Frei Rogério a muito custo e quase com sacrifício da vida desses heróis foi posto a salvo. Havia fracassado o último plano de salvação da cidade ideado por Frei Rogério. Somente a força bruta das armas salvaria a cidade.

CAPÍTULO VIII

Votados à própria sorte, sem encontrar o que comer, porque na sua sanha de roubar eram enxotados por todos. Morador algum da redondeza queria conversa com eles. Onde apareciam, mandavam-nos trabalhar. Sempre com a policia a vigiar-lhes os passos, mal podiam acercar-se das casas para pedir alimento. Os que caíam na mão da policia eram sumariamente fuzilados ou do contrário metidos no xelindró, onde curtiavam miséria, fome e frio. A pena nega-se a descrever o que sofriam os pobres fanáticos iludidos com promessas de glória e ressurreição nas mãos de seus carrascos: os chefes do reduto e também nas mãos da soldadesca. Muitas vezes escutava-se à noite o tropel da escolta conduzindo os prisioneiros ao cárcere. O que eram as cadeias naqueles tempos? Cubículos nauseabundos, sem o minimo de conforto e por isso mesmo sem higiene. Os soldados que se viam dizimados pelas tocaias que lhes eram armadas, desprovidos de compaixão torturavam-nos com palavras más e maus tratos.

No interior da floresta sobrava-lhes ainda o que a natureza oferecia. Sem poderem manter contato com a civilização seu alimento eram raízes, ervas, taquaras novas frutos silvestres, mel silvestre, talvez alguns peixinhos pescados no Paciência ou Canoinhas. Haviãam ameaçado entrar na cidade, mas tinham sido rechassados. Desesperados lutando

contra disenteria, tifo, conseqüência daquela alimentação crua, imprópria, um ou outro entrava furtivamente na vila a procurar na "botica" algum remédio homeopático, poçõezinhas que nada resolviam diante daquela alimentação mortifera.

Compreendendo que jamais seriam acolhidos pelos civilizados, premidos pela necessidade de mudar de vida, sob as ordens de um tal Bonifácio por alcunha Papudo porque lhe crescera um "bócio" ameaçaram novamente entrar na vila de Canoinhas e entregar-se à pilhagem. No seu abandono planejaram não somente pilhar a vila mas incendiá-la e fazer os habitantes perecer como eles pereciam nas matas. A população da vila vivia aos sobressaltos. Corriam as noticias mais desencontradas. A principio ignoravase por que lado atacariam. Havia-os que tinham a opinião formada de que jamais se atreveriam a atacar. Era otimismo em demasia. Outros mais bem informados alarmavam a população quanto ao número de atacantes e crueldades praticadas nos infelizes que lhes caíam nas mãos. Pior para eles se fossem milicianos, quer fossem soldados ou policiaes. Todavía as tropas estavam alerta. O comandante sentindo o perigo, providenciou a vinda de reforços. Os péssimos meios de transporte dificultaram a chegada, finalmente deram entrada na vila e com eles um canhão.

Certos de que penetrariam na vila, julgando-se suficientemente fortes entraram a concentrar-se no outro lado do Rio Canoinhas, na Água Verde. O movimento era grande. Escaramuças além de nada resolver tinham como conseqüência as baixas de mais alguns soldados, mortos ou prisioneiros. O recurso era mesmo esperar que se concentrassem e atacassem, enquanto os soldados permaneciam na defensiva.

Entrincheirados na barranca do rio do lado da vila ficaram aguardando os acontecimentos. O canhão enristado contra eles advertia-os de que tudo estava preparado para a defesa e que tomar a vila não seria um simples ato de rotina.

Espiões vaqueanos observavam todos os movimentos dos infelizes seguidores do profeta. O que ia de sofrimento naquelas fileiras de pobres esmolambados, famélicos é impossível descrever. Havia falta de comida, porquanto os moradores dos arredores haviam posto a salvo gado e cavalos bem como tudo o que puderam levar para dentro da vila. O recurso era esperar que o assalto tivesse êxito para então matar a fome que lhes devorava as entranhas e dar vazão ao ódio armazenado contra pessoas que nunca lhes haviam feito mal nem causado danos.

No acampamento deles quem se rebelasse era degolado ou uma bala despachava-o desta para a melhor. O movimento era grande. Todos se reuniam em torno do chefe que prometia tudo. Levava de roldão as tropas e assumia o comando da vila, enquanto eles matando, saqueando podiam matar a fome.

Na vila, qualquer fanático que se atrevesse, nesses dias pavorosos, a por os pés, estava condenado a ver o sol quadrado, quando não sofrer a pena capital. O julgamento ficava por conta do século.

Com reforços de todos os lados os jagunços achavam-se suficientemente fortes para o assalto e passaram a provocar:

— Eh papista! Canaia! Nós vamo entrá. Vamo alimpá a vila desses matadó. E dirigiam outros gritos de escárneo, apupos e matracas às tropas entrincheiradas. Essas, no entanto, tinham ordens severas de não revidar.

— Bota a cabeça pra fora do buraco, peludo! se tem coragem. Vamo vê quem atira mió?

Já ia quase um mês o assédio sem que resolvessem atacar. Numa madrugada, porém, com grande estardalhaço avançaram para o rio. Intensa fuzilaria os recebeu e um estrondo reboou pelas quebradas; o tiro de canhão.

Não produziu efeito. A mira elevada demais arremessou o projétil muito acima deles indo explodir muito além do acampamento deles.

Esse fracasso foi motivo de intenso júbilo no acampamento jagunço e deu azo a novas zombarias:

Eh papista! Não sabe atirá? Vem cá, que nós ensinemo. Que fais os “peludo” nos quartel. Aprende a namorá?! Nós chegemo lá!

Diante das provocações dos bandidos novamente se assestou o canhão. A mira muito baixa agora levou a bala à barranca do rio, estourando num mundo de barro e água.

O gáudio dos farroupas chegou ao auge. Pulavam, bradavam desaforos, desataram num berreiro ensurdecedor e certos agora de que venceriam avançaram.

Eh Papista! Aprende a atirá! Quando nós chegá, lá, nós vai ensiná! e outros deboches difíceis de engolir.

Realmente quem manejava o canhão não tinha lá muita prática é o que pôde observar um jovem alemão que servira na Alemanha e estava familiarizado com o manejo da arma. Havia fatos inexplicáveis. Por que cargas d'água esse ex-soldado alemão se encontrava ali. Um tal de Wolland, por alcunha, o Alemãozinho, que chegou a comandar os jagunços em Taquaruçu, como e por que estava no meio dos fanáticos? E o Schumann, pessoa que entendia de Homeopatia e falava português, polonês e alemão, o que fazia neste meio hostil? Jamais se soube o que os levou até lá.

Bading era o sobrenome do ex-soldado, vendo a dificuldade, chegou-se a um soldado e pediu que fosse apresentado ao comandante. Queria apenas auxiliar.

Enquanto isso do outro lado continuava o vozerio, os apupos e a algazarra. Todos sabiam que o inimigo aí estava, roxo para entrar na cidade para comer e matar. O povo da vila confiava nas forças governamentais, pois sabia o que lhes aconteceria se estas falhassem.

O soldado foi encontrar o comandante a olhar desanimado para a peça, em tais circunstâncias, inútil. Fez a continência de praxe.

— Fala, ordenou o comandante.

— Há um jovem, ex-soldado da Alemanha e que conhecendo o manejo do canhão, oferece seus préstimos.

— Faça-o entrar.

O soldado bateu continência, rodou sobre os calcanhares e saiu.

Bading acompanhado do soldado entrou na área do canhão e foi recebido pelo comandante. Sondando o ex-soldado entregou-lhe a peça para nova experiência.

Preparado o tiro. Bading esperou a ordem.

Entrementes os fanáticos instigados por Bonifácio e agora mais do que nunca certos da vitória contra aquela força que nem se quer sabia manejar um canhão, avançaram e puseram-se em ordem da batalha. Bonifácio soltou o grito de guerra e recomeçou a fuzilaria.

Inopinadamente, novo e poderoso abalo sacudiu os ares e a bala de canhão atingia em cheio o alvo. A baderna do outro lado cessou. Silenciaram as armas. Quando a fumaça desvaneceu, não se viu mais viva alma. Que teria acontecido? Teriam morrido todos?

x x x

A barra do dia já se fazia anunciar. O rosicler da aurora desenhou-se no horizonte. Amanhecia. Uma brisa enregelava os membros das tropas entrincheiradas. Como o silêncio se fizera completo, apenas rompido por algum galo soltando quiquiriquis estonteados, o comandante ordenou a travessia do rio.

Os soldados, a principio cautelosos, deixaram as trincheiras e puseram-se a atravessar o rio. O que encontraram do outro lado deixou-os aturdidos. Apenas um morto e muito sangue, foi o saldo deixado pelos seguidores do profeta. Tão fanatizados estavam que carregavam tudo o que ainda respirasse, a fim de que não caísse nas mãos dos detestáveis "peludos" apelido dado aos soldados ou qualquer fardado. Os soldados temendo as emboscadas, em que os jagunços eram mestres deixaram de persegui-los. Mais tarde, pelo número de cruzes, pôde-se verificar que a mortandade fora grande. O tiro de canhão atingira com êxito o alvo. Canoinhas estava salva.

x x x

Esses desgraçados, párias da sociedade, apartados da civilização caminhavam a passos largos para a morte. Ao longo das estradas multiplicavam-se as cruzes, sinal mais que evidente dos tormentos, da fome, das doenças. Quem sabe, muitas dessas enfermidades tivessem obtido cura com tratamento adequado.

Perseguidos, acuados, ninguém se apiedava deles, pois que todos conheciam suas patranhas, posto que conhecessem igualmente sua necessidade de amparo. Mas que fazer? Se eram atendidos, abusavam da confiança neles depositada, razão por que pessoa alguma se interessava por eles. Esses patifes que galgavam aos topos dos pinheiros para abater os "peludos" ou para desfechar um tiro "só para ver o tombo" aí estavam inermes, à mercê da ira popular. Se caíam armados nas mãos dos milicianos, esses os levavam à presença das autoridades que decidiam pela vida na cadeia ou pela morte para descanso de ambos.

Tião Bento encarregado de despachá-los para o reino das sombras agia de maneira brutal, degolava-os à sangue frio. Querem alguns que tenha degolado mais de uma centena. Consta também que nem mesmo crianças foram poupadas.

Compreender atualmente tamanha monstruosidade é impossível, uma vez que vivemos num clima mais ameno do ponto de vista da civilização, ainda que haja também em nossos dias autênticas carnificinas. Se remontarmos, contudo, ao clima de ódio que reinava em ambas as partes já abrangemos bastante. As tropas sofrendo baixas inutilmente. Os jagunços vendo frustrados seus planos de domínio absoluto, cortadas suas tropelias, surpreendidos e escoraçados dos locais de roubo, coibidas violências, assassinios, estupros... enxotados quando se apresentavam como pedintes. Portanto a população cansada de sofrer as investidas cruéis, visto que quase não havia casa onde não se deplorasse morte ou roubo. Quantas noites se escutava o tropel da escolta conduzindo os facinoras rumo à prisão.

Cansados, finalmente, ou melhor recuados em número, foram-se acomodando mais e mais. As autoridades tentaram novamente uma aproximação. Garantiram que nada lhes sucederia se optassem por uma vida normal. Aproximaram-se a medo e como nada lhes acontecesse de grave, outros vieram juntar-se a eles. Surgia agora novo problema. Com o organismo depauperado pelas frutas silvestres, raízes, os intestinos já sem mucose não suportavam o alimento sólido ingerido quase sem mastigação, e rompiam-se aumentando o número dos candidatos ao cemitério. Para evitar que mordessem o pó, foi necessário um tratamento a altura. Schumann e outros humanitaristas em sua parca instrução determinaram que se cozesse a batata e depois se reduzisse a mesma a farinha e o mesmo se fizesse com o arroz e deste modo, devagarinho, o organismo fosse novamente se habituando aos alimentos condimentados. Muitos foram salvos, embora nos primeiros dias chorassem de fome.

Havia os desobedientes. A desobediência a esse regime era carta certa para o além. Foram dias de tristeza e o povo chorava com as vítimas de tanto sofrimento.

Contudo esses dias amargos de recuperação e de dor, foram-se perdendo na voragem do tempo e uma era de paz voltou a reinar em Canoinhas, encerrando-se um dos mais dolorosos capítulos da história do município.

CAPÍTULO IX

À medida que iam galgando a serra, Marcos punha o futuro genro a par das atrocidades cometidas pelos seus ex-comparsas. Na vila o povo estava em segurança, mas no interior continuavam as selvagerias praticadas por remanescentes, que nômades, levavam a intranquilidade às populações indefesas. Urgia acabar com aquilo. Marcos passou a narrar o que se passava. Como na Guerra dos Muckers no Rio Grande do Sul, sobrou Chico, o Monje, assim também aqui escaparam alguns chefetes aos quais a polícia não logrou deitar as mãos. Chico tinha o seu bando, os doze apóstolos, um arremedo do Cristo e seus discípulos. Esses chefetes tinham também seus sequazes, mesmo que ocultos, de vez em quando apareciam cometendo crimes. Temos aí o Tião Bento, Antônio Matreiro, Cabrijo e outros.

Tião Bento já pagou. Sua cabeça foi lançada ao prêmio de duzentos mil réis. Uma boa soma naqueles tempos. O filho de Campano, Antonico candidatou-se ao prêmio, uma vez que jurara sobre o cadáver

da irmã que não descansaria enquanto não visse vingado o crime. Aconselhado que se acautelasse, zombava dos conselhos e repetia que daria cabo ao facinora.

Tião, como já contei, gloriava-se de suas proezas e marchava pelos sertões e povoados e aí do suspeito que se apresentasse pela frente, ainda mais em seus acessos de furor. Muito soldado pagou com a vida, pelo simples fato de estar fardado quando o vândalo apareceu. Um tiro a queima-roupa punha o peludo fora de combate. Assassinau friamente, porque não conhecia piedade aquele filho do inferno.

Um dia saiu com seu bando para os lados de Papanduva e viu uma casa em construção. Três homens pregavam tabuinhas à guisa de telhado.

— Vou experimentar meu Trinta e Oito naqueles diabos, só para ver o tombo. Os homens ao ouvir isto, pediram clemência.

— Piedade! Somos pais de família! exclamaram.

Mesmo esse pedido de misericórdia não foi atendido. Tião desfechou dois tiros que fizeram dois homens morder o pó. O terceiro, ou porque não era o seu dia, ou por sorte, escapou para contar a história. Essas e muitas outras façanhas de covardes assassinatos se contavam desse assassino vil. O dia dele estava marcado e ele marchava inconsciente como todos nós com a diferença que seu fim seria prematuro. Tião soube por intermédio de um seu capanga do juramento do filho de Campano. Deu de ombros e ameaçou:

— Que não se atravesse na minha frente! exclamou irado.

Todo mau é covarde e todo bárbaro tem suas superstições. Por isso evitava a todo custo encontrar-se cara a cara com o destemido rapaz.

Antonico Campano sempre que o via repetia o estribilho costumeiro:

— Deixa estar, um dia te caço. Não perdes por esperar. Era como o gato quando espreita o rato, quando já o tem nas garras, tenta brincar, antes de devorá-lo. Antonico parecia não ter pressa e Tião o evitava. Mais cedo do que esparava chegou a hora.

Antonico era tropeiro, negociava com cavalos e por isso às vezes se ausentava por semanas. Sabendo o inimigo longe, aproveitava o tempo para amendrontar as pessoas e tourear, narrando alto e bom som as façanhas terríficas que por certo lhe mordiam a consciência. Alguns se retiravam porque o temiam outros por serem da mesma têmpera, respeitavam-no mas não o temiam.

Numa determinada manhã entrou numa dessas vendas do interior. Sabia que sua presença ali era um terror, por isso começou a tourear: Bota uma cachaça, porque homem mesmo não tem medo de outro homem, nem mesmo de pai de fia que cortei os dedo pra tirá os anel, e as oreia pra tirá os brinco e retalhá os seio pra vê o sange espirrá e vê a bicha botá a arma pela boca.

As pessoas escutavam estarecidas essas narrativas téticas e mulheres ou moças que por aí se achavam, fugiam ocultando-se dos olhos perversos do verdugo.

(Continua no próximo número)

CAIXA POSTAL

Dr. LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO—Campinas— SP
— Agradecemos o envio de seu belo trabalho "DISCURSOS DE POSSE E RECEPÇÃO". Estamos enviando "BLUMENAU EM CADERNOS" disponíveis.

INSTITUTO TEOLÓGICO DE STA. CATARINA — Florianópolis — SC. — Estamos remetendo números disponíveis de "BLUMENAU EM CADERNOS". A partir de maio; remeteremos mensalmente a esse Instituto os números que forem publicados, a título de cooperação.

JOAQUIM JOSÉ WHITAKER KEHL — São Paulo — SP. — Recebemos importância remetida. Sua consulta já foi respondida por carta.

LILLIAN ANGUIANO — México — Folgamos em saber, que está recebendo regularmente a nossa revista.

Dr. PAULO MALTA FERRAZ — Rio de Janeiro — RJ. — Ciente de seus informes, agradecemos valiosa colaboração.

Pde. RAULINO REITZ — Itapema — SC. — Despachamos ao seu endereço os números atrasados, que nos foi possível conseguir. Demais números faltantes acham-se esgotados.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR — Campo Grande — MT. — Anotamos seu novo endereço.

ANTERO JOSÉ DA COSTA — Bauru — SP. — Números solicitados estão esgotados.

BIBLIOTECA PROF. PEDRO VIRIATO PARIGOT DE SOUZA — Londrina — PR. — Nada há que agradecer. Nossa revista é distribuída a todas as bibliotecas de que temos notícia.

BERTOLDO SCHUBER — Rio do Sul — SC. — Agradecemos suas informações. Correio, ainda é um grave problema brasileiro.

MESSIAS CARRERA — São Paulo — SP. — Números solicitados acham-se esgotados.

DISTRIBUIDORA BRASILEIRA - AMEX — Não aceitamos anúncios em nossa revista.

C. GAERTNER SOBRINHO — Rio das Antas: — Recebemos colaborações que serão publicadas oportunamente.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

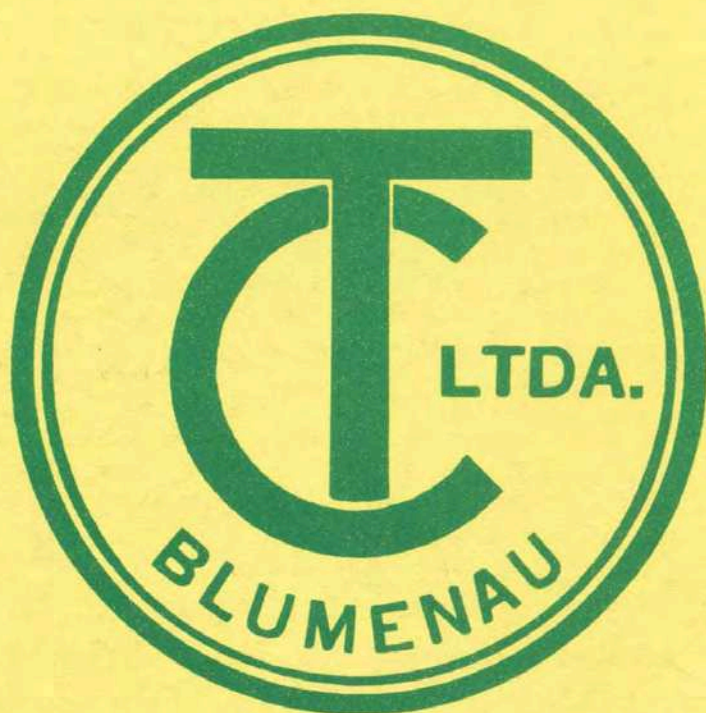
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A LIVRARIA DE SEU FILHO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1422/24 - FONE 22-2627 - C.P. 651

INDÚSTRIA - RUA AMAZONAS, 1505/31 - FONE 22-3627 - GARCIA

BLUMENAU - STA. CATARINA